

RAMÓN CUÉ

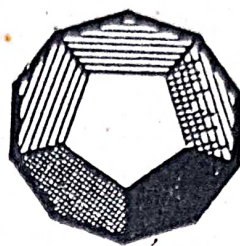


**MEU
CRISTO
PARTIDO**



COLEÇÃO

POLIEDRO



**colecção
POLIEDRO**

CR\$ 9,00

Zila

RAMÓN CUÉ, S. J.

O MEU CRISTO PARTIDO

10.ª Edição



EDITORIAL PERPÉTUO SOCORRO
Rua Dr. Alves da Veiga, 207—PORTO

Com as devidas licenças

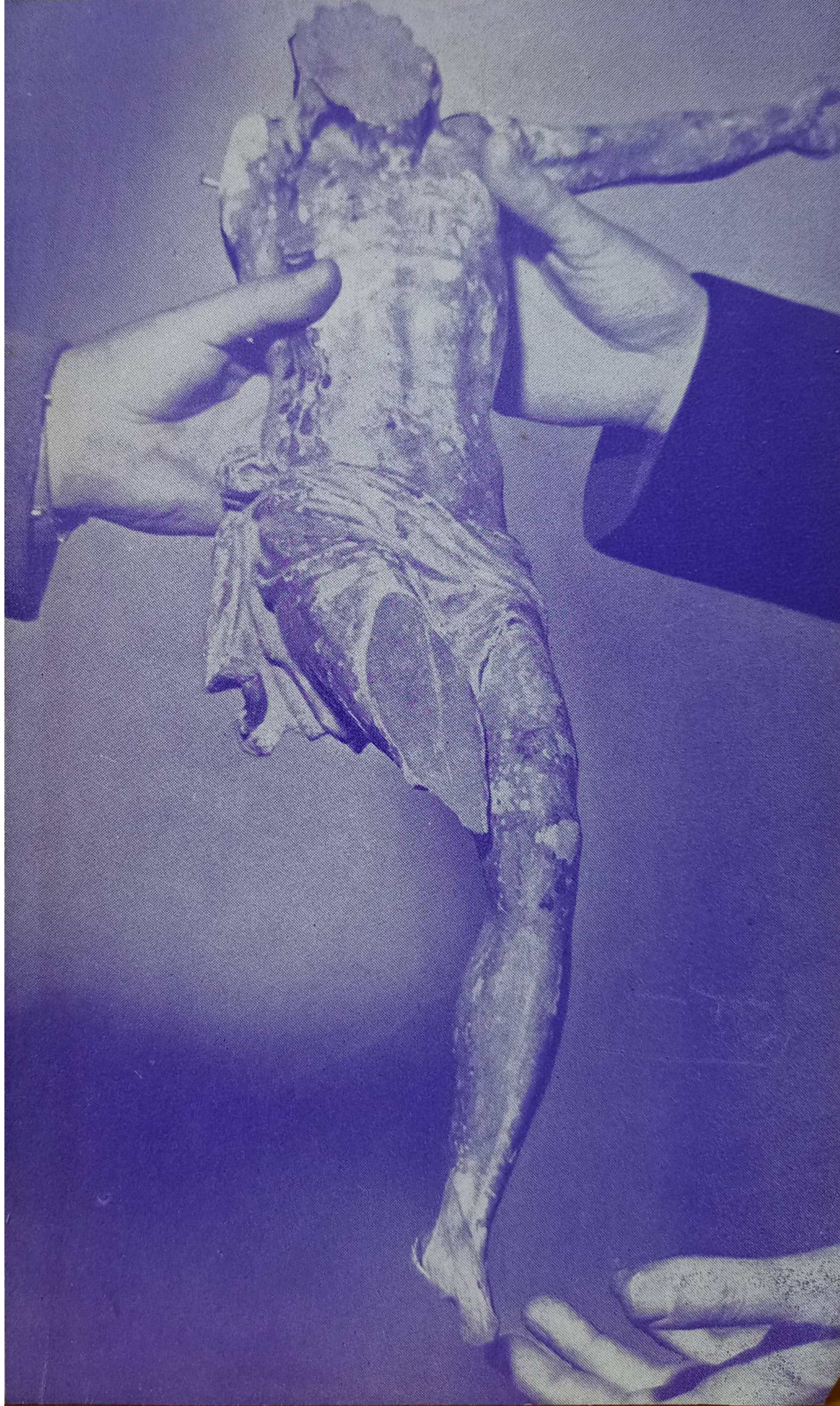
Título original: Mi Cristo Roto

© Ramón Cué (Santiago de Compostela)

Traduziu: Idalina Grilo Rodrigues

Todos os direitos reservados para Portugal e Brasil

© EDITORIAL PERPÉTUO SOCORRO — (PORTUGAL)



Compra e venda de Cristos

Boa noite, amigos:

Vou falar-vos nestas meditações de «*O meu Cristo Partido*».

É uma história íntima, simples, insignificante. Própria para ser contada a meia voz, nesta hora propícia de versos e de música, que é a meia-noite, quase a terminar o seu programa a Televisão Espanhola.

Já dormem, sonhando com anjos, os vossos filhos, ou sem sonhar, o que é melhor. Alegro-me. Não é, porém, para eles esta história. Compreendê-la-iam mal.

É para nós, homens, um tanto cansados do dia e um pouco — ou muito — cansados da vida.

É oxalá esta história, como um conto simples, nos comunique o sono bom, sem sobressaltos nem insónias, dos vossos filhos,

O protagonista é «O Meu Cristo Partido».

Encontrei-o em Sevilha, na «Casa do Artista», prolongamento do «Jueves», essa pitoresca réplica sevilhana do «Rastro»¹ madrilenho. Aos domingos do «Rastro oferece Sevilha os seus «Jueves».

E diz-se: Ir ao «Jueves».

Pois eu fui ao «Jueves» e, no «Jueves», encontrei o meu Cristo.

E comprei-o num «Jueves».

(Judas também o vendeu num «Jueves»).

Antes, porém, de dizer-vos como, permiti-me, nesta hora de intimidade, duas confidências:

Uma, que me encanta ir ao «Rastro» quase tanto como ao teatro e mais ainda que ao cinema. É um saborosíssimo espectáculo vivo. E, quando não há «Rastro», meto-me num antiquário, muito embora seja uma dolorosa tentação para a vista, que o bolso

¹ O «Rastro» é um mercado muito popular em Madrid; é formado, sobretudo, por tendas ou bancas, onde se vendem coisas velhas ou que não interessam a certas casas. Algo parecido ao que em Lisboa temos na «Feira da Ladra». — Teve o seu auge nos anos seguintes à guerra civil espanhola. Actualmente tem muitas lojas de antiguidades. — Realiza-se aos domingos; em Sevilha é à quinta-feira, que em espanhol se diz «jueves» (Nota dos Editores).

não pode pagar. Saio, no entanto, sem poder cair nessa tentação de comprar algo. E cada dia menos...

A outra confidência é que, dentro da Arte, me seduz o tema de Cristo na Cruz, e as minhas preferências vão para os Cristos barrocos espanhóis e, entre esses, os andaluzes — finos, elegantes, aristocráticos. Menos musculosos que os Cristos castelhanos. Atletas menos robustos, mas mais esbeltos e intelectuais. Não sei o que daria para possuir um Cristo de Mesa, Montañés, Cano, Mena ou Ruiz Gijón...

Se fosse meu — meu! — o «Cristo dos Cálices» de Montañés, em Sevilha, sentir-me-ia o milionário mais feliz do universo.

Tudo isto para vos explicar por que sou assíduo visitante do «Jueves» em Sevilha. Penso sempre: Se encontrasse no «Jueves» um Cristo Sevilhano, pequeno, de boa talha, barato... E vou-me ao «Jueves». Nunca, porém, encontrei nenhum em tão difíceis condições. Sei que é impossível e, apesar disso, recaio na tentação.

A última vez, foi no mês passado, em companhia de um bom amigo, Pepe Zarazaga, nascido em Triana, mas vivendo em São Jacinto, e que anda também em busca de um Cristo, ou melhor, em busca de Cristo.

Incorporámo-nos primeiro no rio tumultuoso, que é o «Jueves» — torrente humana de vagas desencontradas, pelo centro da rua, entre os dois tapumes de tendas em que se

exibem, no passeio ou em mesas e caixotes, os mais diversos e inverosímeis objectos. Tudo de mistura!

Porque Cristo — que lição! — pode encontrar-se entre parafusos e pregos, sucata enferrujada, roupa velha, sapatos e livros, bonecos partidos ou fotografias românticas. O difícil é saber procurá-lo, porque Cristo anda e está entre todas as coisas deste revolto e inverosímil «rastro», que é a vida.

Naquela manhã, porém, não o encontramos no «Jueves» de Sevilha e aventurámo-nos até ao seu prolongamento — «A Casa do Artista».

É mais fácil encontrar ali Cristo. Mas muito mais caro. É zona já de antiquários. É o Cristo com impostos de luxo. O Cristo encarecido pelos dólares do turista americano, porque, desde que se intensificou o turismo, também Cristo está mais caro.

Entrámos, pois, naquele sector internacional e perigoso com prevenção e cautela. Visitámos inútilmente duas ou três lojas: nem um só Cristo acessível! Andávamos pela terceira ou quarta...

Confesso que me sinto bem no meio desta deliciosa desordem de coisas belas, ricas e nobres. Tendo cuidado para não tropeçar numa porcelana ou pisar um baixo-relevo...

— Deseja alguma coisa, Padre? — perguntou-me, obsequioso, o antiquário.

— Dar apenas uma volta pela loja. Observar, ver...

— Por favor, Padre, passe e veja.

Caminhava em bicos de pés naquele universo encantado: contadores, porcelanas, tapetes, talhas, jarrões, mármore, azulejos, damascos, cerâmica... e santos, santos, muitos santos. De todos os amanhos, estilos e procedência. Parecia uma «liquidação» de santos. A santidade posta à venda. Nunca se negociou tanto com eles. Não pelo que têm de santos, mas pelo que têm de belos ou exóticos. É um sinal da época.

E nunca se falsificaram tantos santos!

Nem tantos anjos! Estão na moda os anjos barrocos como motivo de ornamento. Da altura gloriosa de um retábulo caíram no servilismo humilhante de sustentar uma lâmpad eléctrica...

Hoje, que tanto escasseiam os anjos de carne, povoamos de velhos anjos policromos a decoração de casas, hotéis e pousadas de turismo...

Quantos anjos caídos!

Pensava em tudo isto quando, de súbito, à minha frente, pousado numa mesa com incrustações, vi um Cristo sem cruz.

Ia lançar-me sobre Ele, mas refreei o ímpeto, não fosse revelar o meu interesse sobre aquele objecto, perante o olhar do antiquário, que me seguia todos os movimentos.

Dissimulei. Dei uma volta e aproximei-me de novo discretamente. Olhei o Cristo de

soslaio... Conquistou-me desde o primeiro instante!

Claro que não era precisamente o que eu procurava. Era um Cristo todo partido. Prendeu-me, porém, esta mesma circunstância. Não sei porquê. Fingi primeiro interesse pelos objectos que o rodeavam, e peguei-lhes para os largar em seguida: um marfim, um cobre, uma miniatura. Até que as minhas mãos se apoderaram do Cristo. Dominei os dedos para não o acariciar.

Não me haviam enganado os olhos, não. Devia ter sido um Cristo muito belo, porque agora quase, quase não era Cristo.

Era um impressionante despojo mutilado.

Nem sequer tinha cruz. Faltava-lhe meia perna, um braço inteiro e, embora conservasse a cabeça, tinha perdido o rosto... Mas no que restava daquele belo corpo havia tais proporções, tão serena e perfeita anatomia, tal elegância de tronco e pernas, tão sôbriamente trabalhado era o pano da cintura que, desde o primeiro momento, me decidi a ficar com Ele.

Tornei a pousá-lo — com mais cuidado agora, como se pudera queixar-se — sobre a mesa, onde estava antes, e continuei a examinar, sem os ver, marfins, madeiras, porcelanas...

Continuava, porém, a pensar: será muito caro?

Impossível. Se está todo partido... Terá o antiquário notado o meu interesse pelo

Cristo e quererá aproveitar-se? Terei também que ficar sem este Cristo por falta de dinheiro? Já me sucedeu tantas vezes!...

Tinha que decidir-me e abordar o problema. Perguntei primeiro o preço de um camafeu, a seguir o de um marfim. Mostrei desgosto:

— É pena ser tudo tão caro...

— Caro? Pois quanto me dá então?

Não respondi. Pensava no Cristo. Decidi-me. Tomei-o nas mãos e, adoptando uma absoluta indiferença, perguntei:

— E isto?

Não me atrevi a chamar-lhe *Cristo*. Estava tão mutilado ...Era quase mais uma coisa que um homem.

— E isto?

Perguntando assim, talvez eu conseguisse um preço mais económico.

Mas enganei-me.

O antiquário aproximou-se. Pegou no Cristo Partido e exclamou:

— Oh! É uma peça magnífica! Vê-se que tem gosto, Padre, e sabe valorizar as coisas. Pois bem, veja que esplêndida talha, que boa execução!... Este Cristo é, sem dúvida, de um bom escultor. Pelo menos de uma boa escola.

E a verdade é que tinha razão em tudo o que dizia. Estávamos de acordo. Tratei de diminuir os méritos por outro meio.

— Sim, mas está tão partido, tão mutilado... Falta-lhe um braço e uma perna. Nem sequer tem cara.

— Não tem importância, Padre. Aqui ao lado há um magnífico restaurador, meu amigo, que lho deixa como novo. Este Cristo, uma vez restaurado, pode crer, é uma peça de museu.

Exagerava. Tremi. Ia ficar sem Cristo outra vez.

— Bem, e o preço?

— Voltou a examiná-lo, a elogiá-lo; acariciava-o entre as mãos. Mas não acariciava Cristo, não; acariciava a mercadoria, que ia converter-se em dinheiro. Aquilo magoou-me ainda mais. Insisti:

— Por quanto o vende?

— Hesitou. Fez uma pausa. Olhou o Cristo pela última vez. Fingiu que lhe custava separar-se dele e entregou-mo, num arranque de generosidade, dizendo resignado e dolorido:

— Tome, Padre, leve-o; não é dinheiro, leve-o. Por ser para si — e note que não ganho nada — três mil pesetas apenas. O senhor leva uma jóia!

Quedei-me de mãos no ar, estendidas e paradas, sem chegar a pegar no Cristo.

— Três mil pesetas? Que disparate! É caríssimo...

E voltei as costas, passando a interessar-me por não sei que objecto, que ficou à minha frente.

— Muito caro, disse? Mas reparou bem no que leva?

— Naturalmente — disse sem me voltar —. É caríssimo.

E assim, de costas, começámos, o antiquário e eu, a regatear sobre um Cristo para manter a quantia. Eu, sacerdote, diminuía os méritos de Cristo para baixar o preço.

Estremeci de repente a meio do regateio. Disputávamos o preço de Cristo como se fosse uma simples mercadoria. Estendíamos até Cristo a luta vil da oferta e da procura.

E, claro, lembrei-me de Judas.

Não era aquilo, também, uma compra e venda de Cristo? Sim, é verdade, que de um Cristo de madeira. Mas quantas vezes vendemos e compramos Cristo — não de madeira, de carne — nele e no nosso próximo!

A nossa vida é muita vezes uma compra e venda de Cristos. Sem dúvida que Judas queria mais e os sacerdotes ofereciam menos. Como eu então.

E Judas fingia ir-se embora — como eu — para voltar de novo ao regateio. E os sacerdotes simulavam não se interessar tanto pela compra de Cristo — como eu então — para voltarem uma vez mais a insistir no preço.

Resultado: o de sempre. Ambos cedemos. E lá concordámos. Como Judas e os sacerdotes judeus. O antiquário, interes-

seiramente, pedia demasiado para não perder tanto como o desconto já previsto. Por mim, consegui nivelar o preço. E o que perdeu, como sempre, como com Judas, foi Cristo.

Acabou desvalorizado, porque das três mil pesetas iniciais, em que fora avaliado, baixou para oitocentas.

Sem dúvida que o antiquário fez negócio, como habitualmente, com aquele Cristo.

E eu paguei por Ele oitocentas pesetas.

Entregou-me meio embrulhado num papel velho e amarrotado, que não chegava para envolvê-lo todo.

Para quantos e diversos embrulhos teria servido já aquele papel?

Antes de me despedir, perguntei-lhe se sabia a proveniência do Cristo e a razão daquelas terríveis mutilações.

Numa informação tão vaga e imprecisa como costumam sê-lo as de certos antiquários, disse-me que provinha de uma povoação — não se lembrava do nome — da Serra de Aracena, em Huelva. E que as mutilações se deviam a uma profanação de que havia sido vítima por volta do ano trinta e seis, quando da guerra espanhola².

² Durante a Guerra Civil da Espanha, na zona vermelha, houve muitos casos de igrejas e imagens profanadas (*Nota dos Editores*).

* * *

O artista restaurador, que me recomendou o antiquário, ficava perto.

Entrámos.

Mostrei-lhe o Cristo e tornámos a falar de dinheiro.

— Quanto me leva por restaurar este Cristo?

O restaurador pegou na talha partida e examinou-a em silêncio, dando-lhe mil voltas.

— Está bastante danificado. Faltam-lhe alguns membros. Tenho que repor-lhe uma perna e um braço; restaurar-lhe quase todos os dedos, que se partiram ao ser arrancado dos cravos; retocá-lo para igualar a talha... Pô-lo numa cruz e, sobretudo, o que é mais difícil, talhar-lhe o rosto por inteiro.

Ante esta prolixa enumeração comecei a tremer. Tratava de justificar o preço. Insisti seco e decisivo:

— Sim, e quanto me leva ao todo?

— Bem vê, deixando-o como novo... É um preço especial, gostei da talha e interessei-me pelo Cristo; por ser para o senhor serão apenas mil e quinhentas pesetas.

— É muito caro.

— Dá muito trabalho. Está despedaçado. Veja.

— Mesmo assim, é muito caro.

Procurei em vão provocar um regateio.

Foi inútil desta vez. Não consegui qualquer desconto.

Era mais caro restaurar um Cristo que fazer um novo. O costume! Que misteriosa e profunda verdade!

Lembrei-me da possibilidade de outros restauradores amigos levarem menos.

— Vou pensar — disse-lhe — e voltarei depois.

— Como quiser. Já sabe onde pode encontrar-me.

*
* *

Embrulhei outra vez o Cristo no papel velho e escasso e saí para a rua, acompanhado sempre por Pepe Zarazaga.

Pepe ofereceu-se primeiro para o levar.

Suplicou-mo depois com insistência. Não acedi. Fui um tanto egoísta. Confesso.

Saboreava a posse daquele «*Cristo Partido*» que, por fim, era meu, apertando-o amorosamente de encontro a mim.

Com aquele embrulho mal feito debaixo do braço, comentando a minha compra, Pepe e eu avançávamos pelo labirinto buliçoso das ruas sevilhanas.

Era ao entardecer. Fechava o comércio. Operários, raparigas, empregados, funcionários, regressavam apressadamente a casa. Esperava-os o cinema, o amigo, a noiva, o bar, o passeio...

Íamos em sentido contrário ao daquele mundo febril.

Custava a avançar pelas ruas estreitas.

Havia que abrir passagem por entre apertos e encontrões.

Eu defendia o meu Cristo.

Alguém, ao passar, embateu no embrulho e rasgou ainda mais o pequeno papel do invólucro.

Não me apercebi disso então.

Mas, dentro em pouco, ao entrar nas ruas mais espaçosas e menos congestionadas, dei pela conta que os transeuntes me olhavam insistentemente, com olhos admirados e interrogadores.

— Porque olharão para nós? — perguntei a Pepe.

Pepe voltou-se e examinou-me de alto a baixo.

— Por causa do Cristo; olhe como o leva, Padre.

Efectivamente, roto o papel que mal o envolvia, ficava à vista a parte mais mutilada do meu Cristo: um tronco despedaçado sem braço direito e sem cara... À vista. Numa triste e cruel exibição.

Estremeci. Pelas ruas de Sevilha eu levava debaixo do braço, meio envolvido, o cadáver hirto e destroçado de um Cristo sem rosto...

Senti-me culpado. Verdugo. Profanador.

Como se tivesse violado o sepulcro de Cristo e raptado o seu cadáver.

Tratei de embrulhá-lo cuidadosamente, unindo os papéis rasgados e ocultando, com pudor, dos olhares públicos e indiscretos os membros mutilados do meu pobre Cristo Partido.

Senti a falta do lençol em que Nicodemos e José de Arimateia levavam envolto o corpo de Jesus, a caminho do novo sepulcro, noutra tarde trágica, a da primeira Sexta-feira Santa... ^s.

E disse ao meu amigo:

— Pepe, serás José de Arimateia e eu Nicodemos pelas ruas de Sevilha. Anda, leva-o tu um pouco.

E dei-lhe o meu Cristo.

Avançávamos em silêncio. Entre ambos, um Cristo.

— Não te parece, Pepe, que todas as tardes são, continuamente, tarde de enterro para Cristo?

Olhavam-nos os transeuntes admirados porque levávamos pelas ruas, a descoberto, um Cristo Partido... Repara, Pepe, observa: não achas que muitos, muitos destes homens e mulheres, com que nos cruzamos, passeiam pela rua um Cristo Partido invisível? O Cristo Partido da sua alma, mais partido e mutilado que o nosso? Não será assim, Pepe?

^s «Este, depois de comprar um lençol, tirou Jesus de cruz e envolveu-O num lençol. Depois, depositou-O num túmulo que estava talhado na rocha» (Mc. 15, 46).

Fechava o comércio. Automóveis, táxis, autocarros, motos.

Saía gente do trabalho: operários, empregados, caixeiros, moços, funcionários... Caminhavam apressados para o cinema, para casa, para um passeio, para o bar, para o encontro com a noiva... Com um Cristo Partido debaixo do braço! Com a alma partida!

Esta nossa alma que julgamos esconder e dissimular no invólucro do corpo, mas que sempre, por algum lado, por alguma fenda — olhos, lábios, mãos, gestos — nos atraiçoa e põe a nu as suas misérias...

Incapaz o corpo, papel sujo e velho, de embrulhar a alma!

— Olha, Pepe, todos somos e caminhamos como mísero embrulho de um Cristo Partido.

Quando acabaremos de enterrar Cristo? Quando deixará de ser Sexta-feira Santa? Para que ressuscite, Pepe, para que ressuscite!

Por fim, já de noite, fechei a porta do meu quarto e encontrei-me só, cara a cara, com o meu Cristo.

Tinha deixado o embrulho tal como viera da rua, em cima da mesa, sem dispor de

tempo, assoberbado de afazeres, para contemplá-lo e desfrutá-lo gostosamente.

Agora, sim. Porque, ao fechar a porta do quarto, pude também fechar com ela todas as portas das preocupações, compromissos, visitas, chamadas telefônicas...

Tudo ficou lá fora na noite, por detrás da minha porta fechada.

Sobre a mesa, o Cristo Partido.

Aproximei-me do embrulho e, cuidadosamente, com tacto de enfermeiro, que descobre uma chaga, libertei o Cristo do invólucro, amarrotado, com receio de o magoar... Podia causar-lhe dano em tantos lados! Todo ele era uma chaga.

Amachuquei o papel e atirei a bola amarrotada para o cesto.

Olhei o Cristo despido, livre agora de invólucros.

Que ensanguentado despojo mutilado!

E deu-me a impressão de haver deitado para o cesto uma ligadura. Não teria sangue nalgum lado?

Pobre Cristo! Um pouco mais e deixaria de ser Cristo.

Era meu. Havia-o comprado por oitocentas pesetas. Quis entrar na sua posse, selando-a com um beijo. Um beijo que apagasse o preço e o regateio. Um beijo — o primeiro — de boas-vindas aos meus braços e à minha vida.

Segurei-o entre as mãos e aproximei-o dos lábios. Mas o beijo perguntou-me: Onde?

Em que parte me deponho, que não esteja mutilada?

Nunca me atrevi a beijar um Cristo no rosto. Quem é digno disso? Parece-me repetir o gesto de Judas, que ousou fazê-lo na face...

Beijo-lhe as mãos. As chagas.

E sempre os pés. Ambos. Porque quase sempre estão tão juntos que, com um só beijo, como um só cravo, atravesso-lhe os dois pés.

Agora, porém... Agora faltava-lhe a perna direita e não estava completo o pé esquerdo, o único que lhe deixaram.

Ali se pousaram os meus lábios.

Foi um beijo novo, estranho, incómodo.

Os lábios não encontraram o molde conhecido e gostoso dos pés de Cristo.

Não sabiam beijar aquele único pé partido, sem companheiro e sem cravo. A minha boca não se aquietava na posse desse beijo.

Dava-me a impressão de que os lábios se me enchiam de estilhaços e sangue.

E, no entanto, desde então, prefiro o beijo incómodo e pungente sobre o único pé esquerdo e estilhaçado do meu pobre Cristo Partido.

*

*

*

Antes, porém, de continuar, amigos telespectadores, vou mostrar-vos o meu Cristo.

Supus que, ouvindo-me falar dele, vos interessaria conhecê-lo e trouxe-o ao estúdio da Televisão Espanhola. Aqui está. Vede. «Ecce Homo». Eis o homem!

Agrada-vos?

Não é verdade que é muito belo?

Que perfeita a anatomia do peito, do tronco, do ventre! Que sóbria e discretamente tratado o pano da cintura! Que esbelta e proporcionada a sua perna! Que elegante e fino o braço! Que varonil a sua musculatura!

Mas, claro, falta-lhe o braço direito, o esquerdo está mal seguro no ombro e a mão partida por ter sido arrancada violentamente do cravo.

Também lhe falta a perna direita, cortada por meio da coxa. Conserva a esquerda, mas colada à pressa e sem cuidado.

E, além do mais, está sem cara. Partiram-lha totalmente. Cristo sem rosto. Cristo anónimo. Fantasma.

É, porém, muito belo, não é?

Ainda que muito triste.

Assim, com enternecida mágoa, como vós agora, estava eu a contemplá-lo naquela primeira noite no meu quarto, sòzinhos os dois, após o primeiro beijo.

Quem o mutilaria tão cruelmente no ano de trinta e seis, na Serra de Aracena?

Não sei se haverá na História um ano em que tenham perecido tantos e tão belos Cristos. Por meio do machado, do petróleo, do fogo. Para alimentar a calefacção ou um forno de cozer pão.

Impossível fazer um cálculo.

Só Deus tem uma estatística completa dos Cristos sacrificados.

E os Cristos, que então se salvaram, continuam condenados à morte pelo Comunismo. São os primeiros da lista negra.

Ou talvez não.

O Comunismo mudou de tática.

Não se torna prático queimar Cristos.

Era já muito visto.

E, sobretudo, muito mal visto. Não é boa política exterior.

O Comunismo prefere hoje respeitar os Cristos — que ao cabo são imagens de madeira ou de pasta — e atacar a clareza das ideias e dos critérios.

Hoje, o Comunismo não usa nem o petróleo, nem o machado, nem o fogo. Hoje maneja a confusão. Uma confusão que apague contornos, que elimine fronteiras, que desvirtue limites. Uma confusão que insensibilize e adormeça. O seu objectivo é criar

uma mentalidade nebulosa em que tenham igual valor a verdade e a mentira. Porque já se não sabe qual é a verdade; porque já se não tem medo à mentira; porque se conseguiu o mais perigoso e corrosivo fruto de uma arriscada convivência para incautos — não saber onde começa o mal e onde acaba o bem. Desprestigia a verdade, à força de obrigá-la a conviver com a mentira. E, desprestigiada a verdade, que importa ao Comunismo que o mundo esteja cheio de imagens de Cristo, se já matou a mais viva imagem de Cristo, que é a Verdade?

Envoltos hoje na confusão equívoca da convivência, corremos o risco de não saber onde está acoutado o inimigo.

Prefiro, pois, aquele Comunismo que queimava e mutilava Cristos. Que não disfarçava nem dissimulava o seu ódio a Cristo. Tremo perante um Comunismo refinado, que continua a odiar Cristo e que tolera e aguenta calculadamente os Cristos. Que se professa oficialmente ateu e oficialmente envia telegramas ao Vaticano. Que oprime a Igreja escravizada nos seus domínios e adula no estrangeiro a Cabeça visível dessa mesma Igreja.

Um Comunismo que chegou a erguer-se perante os próprios Bispos, como intérprete das Encíclicas de Roma, por detrás da cortina de ferro.

Antes, queimava as Encíclicas. Agora, elogia-as, interpretando-as a seu modo.

Agora, o Comunismo com as Encíclicas na mão acusa os Bispos Católicos de as não entenderem nem cumprirem.

Por isso, o Comunismo não suporta que eu vos mostre pela Televisão este Cristo Partido: um mutilado sobrevivente da sua táctica desacreditada.

Um testemunho vivo do que foi o ano de trinta e seis. Este Cristo Partido é a maior acusação contra o Comunismo.

*
*
*
Assim discorria eu naquela primeira noite de contacto com o meu Cristo recém-comprado.

E, numa obsessão, como se me traísse o inconsciente culpado e criminoso, perguntei-lhe com pesar, quase em voz alta:

— Cristo, quem foi que se atreveu contigo? Não lhe tremeram as mãos quando despedaçou as tuas, arrancando-te brutalmente da Cruz? Que cara fez quando partiu a tua? Que foi feito dele? Vive ainda? Onde? Na Serra de Aracena? Que faria hoje se te visse nas minhas mãos? Arrependeu-se?

— Cala-te! — interrompeu-me uma voz invisível e cortante — Cala-te! Perguntas demasiado...

Compreendi que a voz era do meu Cristo. Segurava-o entre as mãos. Fixei os olhos na sua cabeça, procurando os lábios, fonte

da sua voz. E fiquei perplexo ao verificar que não tinha cara, que me falava sem lábios.

— Cala-te, não perguntes mais! — insistia a sua voz, mais funda e sussurrante.

Eu olhava com espanto a superfície lisa do rosto cortado, onde houve um dia olhos, ouvidos e boca.

Que louco! Esquecemo-nos, por vezes, do elementar. Deus não necessita de lábios para nos falar. Nem nós tão-pouco para falarmos a Deus.

Há quem julgue que não reza porque não move os lábios e talvez o seu coração esteja em perpétuo diálogo com Deus. Há quem julgue que Deus o ouve melhor porque converteu os lábios numa incansável e rotineira máquina de rezas, muito embora o seu coração esteja noutro lado.

Que eloquentemente me falava o meu Cristo sem lábios! A sua voz era irresistível, ainda que parecesse mudo. Nunca tive um Cristo que me falasse tanto.

— Cala-te!

A sua voz era suavíssima, mas incisiva e premente:

— Como sois vós, os homens! Quando se trata dos pecados alheios, não se vos esgotam nem as perguntas, nem a curiosidade. Se há escândalo público, logo aproveitais para desviar para ele, libertando-vos delas, as vossas próprias e ocultas responsabilidades. Mas, sobretudo, como vos custa

aprender a esquecer! Como sois! Credes que tenho um coração tão pequeno e mesquinho como o vosso, que não consegue esquecer e perdoar inteiramente. Cala-te. Não me perguntes nem penses mais naquele que me mutilou. Deixa-o. Respeita-o. Eu já lhe perdooi. Esqueci o que fez. Quando um homem se arrepende, esqueço-me instantaneamente e para sempre dos seus pecados. Perdoo duma vez, não por mesquinhas entregas, mas com infinito esquecimento. Sem voltar a recordá-lo. Deixa-o!

— Sim, Senhor, ensina-me a esquecer e a perdoar.

Mas o meu Cristo continuava a falar-me:

— Escuta: Por que, perante os meus membros partidos, evocas a lembrança dos que na guerra do ano trinta e seis mutilaram as minhas Imagens e não te ocorre recordar tantos e tantos que ofendem, ferem, exploram e mutilam os seus irmãos, os homens, no após-guerra? Qual pensas que é maior pecado: mutilar uma Imagem de madeira, que apenas me representa, ou mutilar uma Imagem minha, viva, de carne, na qual palpito por graça do Baptismo e incorporação na minha Igreja? Esqueceis que todos vós, baptizados, sois autênticos Cristos e uns aos outros vos prejudicais, traís, armais ciladas, perseguis, odiais, crucificais ...Não é pior mutilar um Cristo vivo que a sua Imagem de madeira? Hipócritas! Rasgais as vestes ante a lembrança

do que mutilou a minha Imagem de madeira, enquanto apertais a mão ou rendeis honras ao que mutila, física ou moralmente, os Cristos vivos, que são os seus irmãos.

*
* *

Eu estava confundido, sem fala. A voz de Cristo, apenas perceptível num sussurro penetrante, cravava-se em mim implacável e acusadora. Intimidava-me.

Para sair desse cerco angustioso, para ficar bem com o meu Cristo Partido e fazê-lo esquecer as suas mutilações, ocorreu-me dizer-lhe:

— É verdade, Senhor, todos nós te havemos mutilado milhões de vezes. Perdoa-nos. Por mim, se o aprovas, tenho um plano...

— Qual?

O meu Cristo interessava-se pela minha proposta. Sentia-me mais tranquilo e sossegado. Tinha conseguido desviar para outro fulcro a voz inflexível do Cristo, que denunciava o nosso farisaísmo. E tratei de dar ainda mais importância à minha sugestão. Insisti — que ridículos somos nós, os homens! — para conquistar Cristo e pô-lo do meu lado.

— Tenho um plano, Senhor, que te vai agradar. Trata-se de ti mesmo... Não adivinhas?

— Di-lo de uma vez — atalhou o Cristo Partido — não queiras envolver-me, como a um simples homem, na rede de lisonja e fraseado. Que te sucedeu? Diz.

— Vou mandar-te restaurar. Não quero, não posso ver-te assim mutilado. Restaurando-te, pensarei que te desagravo por mim e pelos outros. Verás que bem vais ficar. Ainda que o restaurador me leve mil e quinhentas pesetas. Não as tenho, mas procurás-las-ei. Mereces tudo. Custa-me ver-te assim. Amanhã mesmo levo-te à oficina do restaurador. Aquele que está na «Casa do Artista», junto ao «Jueves», onde te comprei.

Disse-me que se comprometia a deixar-te perfeito. Verás, Senhor: pôr-te-á um braço novo, talhar-te-á outra perna direita, completará os dedos que te faltam nos pés e nas mãos. Retocar-te-á e igualará todo o teu corpo. Estás crivado de mossas e arranhões. E sobretudo, verás, esculpir-te-á um rosto maravilhoso, uma cara de Homem-Deus, para que me olhes e eu te contemple. Restaurar-te-ei para ter um Cristo inteiro. Não um Cristo Partido. Ainda que me cobrasse o dobro. Não posso ver-te assim. Dói-me. É a primeira e última noite que estás mutilado, sendo meu. Meu tens que ser e estar completo e perfeito. Não é verdade que aprovas o meu plano, que te agrada?

— Não. Não me agrada — respondeu o Cristo seca e duramente. És igual a todos. Desiludiste-me. E falas demasiado.

Efectivamente, na sua voz ecoava o desengano.

Eu sentia-me egoisticamente mesquinho e culpado. Não soube nem pude retorquir.

Houve uma pausa de silêncio como um poço negro e insondável.

Segurava-o nas mãos e, no entanto, sentia-me infinitamente longe do meu Cristo. Não se ajustavam os nossos pensamentos.

Uma ordem, cortante como um raio, veio quebrar o silêncio angustioso:

— Não me restaures. Proibo-te! Ouves?

Assegurei-lhe, tremendo e perturbado:

— Sim, Senhor, prometo: não te restaurarei. Estava perturbado; nunca pude suspeitar que um Cristo Partido pudesse falar-me com tanta segurança e energia.

Logo, porém, suavizou a voz e acrescentou, como quem pede uma esmola:

— Obrigado. Suplico-te que não me restaures!

Se a ordem anterior me havia aniquilado, a súplica de agora acabava de conquistar-me definitivamente.

Só Deus, só um Cristo dispõe desses inclassificáveis tons de voz.

— Não te preocupes, Senhor. Podes estar certo de que jamais pensarei em restaurar-te.

— Obrigado — respondeu Cristo, acariciando-me com a sua voz de suave agradecimento. — Obrigado.

A sua entoação voltou a dar-me confiança e atrevi-me a perguntar-lhe:

— Porque não queres que te restaure? Não te compreendo.

— Bem vejo... — replicou um tanto triste.

— Não comprehendes, Senhor, que será para mim uma constante dor ver-te partido e mutilado, cada vez que te olhar? Não comprehendes que sinto dó?

— É isso que quero: que, vendo-me partido, te lembres sempre de tantos irmãos que convivem contigo, ignorados e distantes e que estão, como Eu, partidos, esmagados, indigentes, oprimidos, doentes, mutilados... Sem braços, porque não têm possibilidades nem meios de trabalho; sem pés, porque lhes bloquearam os caminhos e não podem dar um passo em frente na vida; sem cara, porque lhes roubaram a honra, o mérito, o prestígio. Todos os esquecem e lhes voltam as costas... Não me restaures! Talvez que, vendo-me assim, te sirva de lição para a dor dos demais.

— Sim, Senhor. Começo agora a compreender. Não te restaurarei nunca.

A voz do meu Cristo continuava ressoando naquela noite de Sevilha, na solidão do meu quarto, como eco de uma velhíssima e eterna queixa...

— Olha: há muitos, muitíssimos cristãos, que se entregam à devoção de beijos, luzes, flores, a um Cristo belo e se esquecem dos seus irmãos, os homens — Cristos feios, par-

tidos e sofredores. Não aceito isso. Agora mesmo, nestes últimos dias da Quaresma e nos próximos da Semana Santa, em todas as cidades espanholas — Sevilha, Valhadolid, Bilbao, Málaga, Madrid, Zamora, Barcelona, Múrcia, Cuenca, em todas — se intensificam as manifestações de carinho por todos os belos Cristos Crucificados... Mas isto não basta. Isto de nada vale, se falta o amor ao próximo que sofre, ao irmão pobre, ao Cristo de carne, crucificado e partido.

Pela janela entreaberta do quarto entrava a noite de Sevilha, morna e rescendente a jasmim, envolvendo-nos no seu perfume.

Povoou-se a noite de belíssimos Cristos espanhóis, desfilando entre círios e cravos por todas as ruas de Espanha. Havia um longínquo fundo musical de órgãos, de trombetas, de bandas de música, de fortes cânticos.

A voz do meu Cristo Partido tornou-se ainda mais triste:

— Há muitos cristãos que tranquilizam a sua consciência beijando um Cristo belo, obra de arte e de museu, enquanto ofendem, mutilam ou roubam o pequeno Cristo de carne, que é o seu irmão... Esses beijos repugnam-me e causam-me asco. Tolero-os e aguento-os, forçado, nos meus pés de imagem talhada em madeira. Ferem-me, porém, o coração. Tendes demasiados Cristos belos, demasiadas obras de arte da minha Imagem Crucificada, demasiados Cristos Completos,

Perfeitos, Apolíneos... E estais em perigo de quedar-vos na obra de arte. Um Cristo belo pode ser um perigoso refúgio para vos esconderdes na fuga da dor alheia, tranquilizando ao mesmo tempo a consciência com um falso amor a Deus Crucificado. Por isso deveríeis ter mais Cristos Partidos, mais Cristos Mutilados. Um, à entrada de cada Igreja; um, em cada procissão da Semana Santa, que vos gritasse sempre, com os seus membros partidos e a cara sem formas, a dor e a tragédia da minha segunda Paixão nos meus irmãos, os homens... Por isso, te suplico: não me restaures. Deixa-me Partido. Aguenta-me Partido junto de ti, ainda que amargure um pouco a tua vida. Beija-me Partido!

— Sim, Senhor, prometo. Não haverá força que te arranque de mim.

E um beijo sobre o único pé despedaçado foi o selo da minha promessa.

— «De futuro viverei com um Cristo Partido».

A noite de Sevilha beijou-o também com invisíveis lábios de jasmins.

Desde essa noite, porém, não sou o mesmo. Algo se me gravou na retina numa eterna adesão: a silhueta de um Cristo Partido.

Projecto-a e sobreponho-a a todas as coisas.

Desde essa noite não posso ver um Cristo belo de Espanha sem projectar sobre a sua

harmoniosa beleza crucificada — Montañés, Mena, Alonso Cano, Velázquez, Mesa, Zurbarán, Greco, Ruíz Gijón — o esquema mutilado, despedaçado e mudo do meu «Cristo Partido».

Desde aquela noite sei que em cada irmão palpita vivo um «Cristo Partido» de carne.

Até amanhã.

Boa noite, amigos.

Deus tem mão esquerda

Boa noite, amigos:

A noite passada — como estais lembrados — prometi ao meu Cristo Partido, forçado pelas suas ineludíveis e suaves premissas, que jamais o restauraria. Que o conservaria assim, partido, durante toda a vida, a meu lado.

Não podia medir então as incômodas consequências deste propósito.

Confesso-vos que é muito duro viver com um Cristo Partido. Uma pessoa tem de acabar por se quebrar e partir como Ele.

Aos primeiros cristãos bastava-lhes ver a Imagem de um Crucificado para se comoverem.

Ao mundo, em vinte séculos de Cristianismo, endureceu-se-lhe o coração. Já nas-

ceamos a olhar, impávidos, Cristo na Cruz. Até nos parece normal e obrigatório.

Necessitará Cristo de uma nova representação dolorosa para nos chegar à alma?

É um angustioso compromisso ter um Cristo Partido e não poder restaurá-lo.

Que fazer d'Ele?

Isso perguntava eu a mim mesmo quando voltei a pegar-lhe.

Lógico seria colocá-lo numa cruz, como o estava reclamando a posição crucificada do seu corpo. É um grito que exige uma cruz.

Estava certo de que, no momento em que lha desse, o meu Cristo acharia nela mais cómodo repouso.

Alegrei-me: dar uma cruz a um Cristo não é problema.

E procurei um metro para tirar as medidas e encomendá-la a um carpinteiro.

Comecei a medir o Cristo. Primeiramente, a parte vertical — da cabeça aos pés.

Depois, a horizontal — de um braço ao outro; da mão direita à esquerda.

Quedei-me, porém, com o metro no ar, sem poder aplicá-lo.

Impossível. Não tinha mão direita. Faltava-lhe, por inteiro, o braço direito.

Que angustioso ter um Cristo Partido!

Não podia sequer deitá-lo na cruz.

Nem mesmo o podia crucificar, que é o seu descanso.

Teria que ouvir, toda a vida, o grito daquele corpo mutilado, com sede divina de uma impossível cruz.

E lentamente fui enrolando o metro nos dedos envergonhados, enquanto contemp-lava, perplexo, o meu pobre Cristo fracassado.

— Senhor, tiraram-te todo o braço direito. Arrancaram-to pela raiz. Não te deixaram um coto sequer. Estás pior do que aquele engraxador de Lhanes, nas Astúrias, a quem faltava a mão direita; havia-lhe, porém, ficado um coto, que ele mandou rematar por um gancho de ferro. Prendia no gancho a camurça de dar lustro e, entre a mão esquerda e o gancho de ferro, movia-a com força, segurando-me o pé e dando brilho aos sapatos.

Senhor, Tu estás pior do que aquele engraxador. Não te deixaram nem um pouco de braço. Nem um coto sequer.

Estás maneta, Cristo. Mas não és maneta, não! Que bem fazes todas as coisas, Deus!

Sabes quem me lembras?

Perdoa-me. A Ti, digo-te tudo o que penso. Lembras-me outra escultura: A Vitória de Samotrácia. Faltam-lhe os dois braços. E à Venus de Milo também. Mas elas não necessitam de braços. A Vitória bastam-lhe as asas, que agita revoltas no ar. E à Vénus de Milo chega-lhe a sua formosura. Dizem que sem braços é mais bela ainda.

Mas Tu, Crucificado, precisas de braços. Como crucificar-te sem braço direito?

E não podes abençoar-me! Falta-te a mão direita! Um Cristo incapaz de abençoar!

— Louco — ouvi dizer num sussuro — Deus também abençoa com a esquerda. Um Cristo, todo Ele, mesmo sem braços, é uma Infinita Bênção!

*
* *

Na mesma tarde em que comprei o meu Cristo Partido, perguntei ao antiquário do «Jueves», em Sevilha, pelo braço direito:

— Não haverá modo de localizá-lo?

— Impossível — respondeu-me. Julga que não revolvemos já todo o palheiro de Aracena, para onde fora atirada a Imagem mutilada? Encontrámos, sim, a perna esquerda e colocámo-la, como pode ver, provisoriamente. Mas da direita, nem rasto... E repito-lhe: revolvemos todo o palheiro. Não demos com ela. Sabe Deus aonde terá ido parar a mão direita de Cristo...

— O antiquário de Sevilha não sabia, Senhor, por onde andava a tua mão direita. Procurou-a em Aracena, inútilmente, como agulha em palheiro.

Mas tu, meu Cristo Partido, tu sabe-lo. Oh se sabes por onde anda a tua mão direita! Não é verdade?

A tua mão direita! Despregaste-a um dia para abraçar — que bem o pintou Murillo! — o Pobrezinho de Assis, enquanto o santo dava um pontapé no fausto do mundo. Outra tarde, segundo a lenda toledana do Cristo de La Vega, voltaste a despregá-la para a erguer no ar e prestar juramento perante o juiz, como testemunho, num litígio de Amor... ⁴.

A tua mão direita! Quem pode localizá-la? Estás a despregá-la continuamente. E escapa-se sempre. Não me admira que a

⁴ A saída da cidade de Toledo está a ermida de «El Cristo de la Vega». — Afirmam ocupar o lugar onde esteve outrora o templo em que se reuniram os célebres Concílios de Toledo. Nessa ermida existe um crucifixo grande, com a mão direita despregada. Como explicação, conta uma lenda que o jovem Diogo Martínez, antes de partir para a guerra, prometeu diante desta imagem, pondo Cristo como testemunha, casar com a jovem Inês Vargas. Na guerra ganhou fama, galões e honras e, ao voltar a Toledo, afirmou à jovem nada ter prometido. Inês fê-lo comparecer diante do juiz e, perante a sua negação, o tribunal formou-se diante do Crucifixo para que declarasse como testemunha. — Quando o notário fez a pergunta, a mão direita despregou-se e ouviu-se uma voz: Sim, prometeu!

A multidão presente ao acto disse: «Para bom juiz, melhor testemunha». Perante este facto, a jovem Inês determinou entrar num convento para consagrar-se unicamente ao amor que assim a defendeu.

O crucifixo que existe actualmente é uma cópia daquela imagem antiga, destruída pelas tropas francesas na Guerra Peninsular (Nota dos Editores).

não tenhas. Desprende-se e anda por aí invisível, mas eficaz, fazendo das suas.

Quem não sente de vez em quando o afago suave da mão chagada de Cristo? Essa mão irresistível que, sem bater à porta, se mete em toda a parte?

No hospital poussa na testa febril do doente e refresca-a.

No leito de morte cerra suavemente os olhos ao moribundo e a paz eterna cobre o seu rosto adormecido.

Na oficina, no escritório, na fábrica, obriga o rosto suado, inclinado até à terra, até à matéria, a levantar os olhos e a olhar para o céu.

No cinema, no teatro, no espectáculo, introduz-se subtilmente, como uma lufada luminosa e musical, por detrás de uma imagem, uma palavra, um gesto...

No cabaré, no monturo, no pântano, é um ruído imprevisto, um falso alarme inquietante. (— Quem anda aí? — Não, não é nada). Sim, é a mão direita de Cristo!

Para o desesperado é um suave puxão que o refreia. — Deixa-me! — Não! Não! Não te deixo!

Para o pobre, o caluniado, o triste, o fraccassado, o solitário, o incompreendido...

Não podemos dar um passo na vida sem tropeçar na mão direita de Cristo. Segue-nos por todos os caminhos. Avancamos por uma paisagem fantástica e invisível, em que a mão de Deus se multiplicou até ao infi-

nito, acariciando-nos, levantando-nos, perdoadando-nos...

E é luz, carícia, relâmpago, freio, pranto, fogo, sorriso, perdão, paciência...

A vida é uma selva virgem, onde todas as folhas das árvores são mãos e mãos chagadas de Cristo.

Quem poderá atravessar a vida sem roçar as folhas da selva?

Viver é andar entre as chagas de Cristo.

Traz-nos nas palmas das suas mãos.

Em cada linha do Evangelho está a mão direita de Deus, fazendo bem aos homens: crianças, surdos, entrevados, leprosos, cegos, pecadores, paralíticos...

A vida da humanidade continua a ser um Evangelho que se escreve todos os dias. Por detrás de cada palavra palpita, escondida, a actividade misericordiosa da mão de Cristo. Que seria de nós sem a sua mão traspassada?

Ao meu Cristo Partido arrancaram-lhe a direita. O antiquário de Sevilha não deu com ela.

E essa que está em toda a parte, infinitamente multiplicada em prodigiosa actividade, voando como uma asa de dor em dor?!

O meu Cristo Partido não tem mão direita. Bem vedes. Mas não há que procurá-la. Talvez que, neste momento, algum de vós, amigos, sinta o roçar dos seus dedos — belisco, empurrão, carícia — no fundo da alma.

Enquanto a direita voa atarefadíssima de alma em alma, a esquerda, a única que ficou ao meu Cristo, está quieta, imóvel. Não faz nada. Parece que não se apercebe, nem se informa do que anda a fazer a direita.

Que bem cumpre o meu Cristo Partido a sua própria lição moderadora de actividades — «que não saiba a tua mão esquerda o que faz a direita»!

Assim, sem alardes exhibicionistas!

Nós necessitamos de ambas as mãos para que todos tomem conhecimento da nossa actividade. É o gesto teatral das nossas boas obras.

Haverá lista? É para publicar? Figurará em algum lado? Então, sim, colaboramos. E até chegaríamos a abrir a carteira com as duas mãos.

Necessitamos de ambas as mãos para empregá-las teatralmente na grandiloquência do nosso gesto, porque buscamos o aplauso dos demais. E para aplaudir fazem falta também as duas mãos.

Fazer bem a quem não possa aplaudir.

Para que aplauda Deus.

Prefiro, pois, o aplauso do meu Cristo, que pode e sabe aplaudir-me — que divina música! — com uma só mão. Esta. A que tem livre; porque a outra, a direita, só Ele

sabe por onde anda. atarefadíssima, a estas horas;

Estou a ouvir, amigos, o que diz o meu Cristo:

— Sim, está certo tudo o que comentaste. Mas não é isso precisamente o que eu queria ensinar-te com esta mutilação da minha mão direita. Queria que, vendo-me assim, tirasses outra conclusão:

— Qual, Senhor?

— Que estou maneta, que preciso de um braço, que sinto a falta de uma mão.

— Disse-te no primeiro dia, quando te comprei em Sevilha, que te mandaria restaurar, que ficarias completo... E foste Tu que te opuseste, que não deixaste.

— Não sejas tolo! Não quero uma mão de madeira. De que serve? Tenho necessidade de um braço e uma mão, mas vivos, de carne.

— De carne?

— Sim. Preciso que tu sejas o meu braço direito. Necessito que me ponhas uma mão. A que me falta.

— Eu?

— Sim, tu, vós. Todos os católicos, todos vós, os baptizados, podeis e deveis ser a minha mão. Necessito de vós. Fazem-me falta braços. E mãos. Tu deves ser a minha mão

para o teu irmão. És a minha mão, quando não empurras o que vai cair, antes lhe dás apoio para se manter em pé. És a minha mão, quando não feres nem castigas, mas confortas e animas. És a minha mão, quando ajudas o cego a atravessar para o passeio em frente. És a minha mão, quando a estendes ao teu inimigo e lhe apertas a sua. És a minha mão, quando consegues uma colocação; quando ofereces possibilidades de trabalho; quando ensinas um caminho novo ou abres uma porta fechada a tantos falhados na vida. És a minha mão, quando alivias, quando descarregas um pouco a cruz dos demais, carregando-a sobre os teus ombros.

Todos vós, pelo baptismo, sois membros do meu Corpo Místico. Há membros e membros. Não gostarias de ser a minha mão direita?

Não tens possivelmente título aristocrático nem universitário. Não ostentas um alto cargo honorífico ou profissional na Sociedade.

E, ainda que o possuísses, não te agradaria ter o mais elevado título e desempenhar o mais nobre cargo, sendo na tua vida, entre os que te rodeiam, a Mão Direita de Cristo?

Querias que um entalhador me restaurasse, acrescentando-me um pedaço de madeira. Não queres ser tu o restaurador, jun-

tando a tua própria mão a este ombro mutilado, que não tem braço?

Todos vós devíeis ter um Cristo Partido para que não olvidásseis que o Cristo Místico — a Igreja — está incompleto. E há que acrescentar tudo o que lhe falta.

Se beijas um Cristo perfeito, com os seus braços inteiros, ficas muito tranquilo e pensas: «Não tenho nada a fazer. Sobre tão belas mãos só faltava um beijo — aqui está».

Se beijasses um Cristo maneta acabarias por ouvir o grito do seu ombro despojado do braço e da mão: preciso de um braço! Quem quer dar-me uma mão? Alguém quer ser o meu braço direito?

E colar-te-ias tu próprio, como asa viva, ao meu ombro mutilado.

Anda, bem o preciso, dá-me uma mão!

* * *

— Mas na minha talha, Senhor, só tens uma mão, a esquerda.

— É verdade. E depois?

Ocorre-me uma tolice: Se fosses apenas homem, poderíamos dizer de Ti que também tens uma boa mão esquerda. Mas nesse sentido em que o aplicamos aos homens: «Fulano tem uma mão esquerda!» «Não, não se atreva: para isso faz falta a mão esquerda e você não a tem». E Tu, Cristo, Tu também tens uma mão esquerda neste

sentido humano de manejos subterrâneos e tortuosos. Não, na vida faz falta manejar muito a esquerda. De contrário, fracassa-se. Como tu. Com uma só mão não se nada bem ao largo; há que nadar com as duas. E a Ti faltou-te a mão esquerda. Assim te sucedeu. Crucificaram-te. E agora mutilam-te. Ao que tem boa mão esquerda nunca o crucificam. Aí está precisamente tudo...

Eu senti que o meu Cristo sorria silencioso.

— Que pouco e mal me conheceis! Claro que também tenho mão esquerda...

— Tu, Senhor?

— Que seria de vós, homens, se não tivesse mão esquerda? Tenho-a. Não para evitar que me crucifiquem, mas para conseguir que o meu Pai vos não condene. Não uso a mão esquerda para salvar-me da Cruz, mas para salvar-vos do inferno. Compreendes agora?

— Em parte, Senhor.

* * *

Todo o jogo, toda a aventura divina e trágica da nossa vida está em deixarmo-nos prender pelas mãos de Deus. Ele pretende fazer-nos seus. Há, porém, em nós um elemento difícil, esquivo, perigoso — a nossa liberdade. E Deus respeita-a misteriosa-

mente. Infinitamente. Podia apoderar-se de nós violentando a nossa liberdade. Não lhe interessa. Quer amor. Por conquista, da sua parte; por livre entrega, da nossa. Para conquistar-nos, dispõe de duas mãos: a direita e a esquerda, que representam duas técnicas e duas tácticas opostas.

A mão direita é clara, aberta, transparente, luminosa. Dá a cara. Entra directa. Não se disfarça. Actua de dia. Em pleno sol. Fala em voz normal. É de todas as horas.

A mão esquerda busca atalhos, serve-se de rodéios; é cálculo e diplomacia; não tem pressa; cola-se à luva e ao disfarce, se necessário. Actua à distância. Muda de voz. Esconde-se na sombra. Ou espera pela noite. Passa a gritar como um ciclone. Ou em silêncio como um punhal.

Contudo, ainda que esquerda, não é maquiavélica nem traidora. Porque a move o Amor.

Para cada alma Deus tem duas mãos; porém, emprega-as de diverso modo em cada caso, porque todas as almas são diferentes. E a conquista de cada uma é um jogo pessoal de Deus e dela, que não volta a repetir-se, porque jamais se pode repetir exacta uma alma e a sua história.

Há almas que se deixam prender pela mão direita.

Noutras alternam, esquerda e direita, as duas mãos divinas.

E há almas em que, fracassada a direita, Deus tem que empregar a fundo a mão esquerda.

Com a direita, como a pombas brancas e a ovelhas dóceis, Deus conquistou João Evangelista, Francisco de Assis, João da Cruz, Francisco Xavier, as duas Teresas — a espanhola e a francesa... Não é que a mão direita elimine a luta. Não, nem a dor, nem a renúncia. Mas é cara a cara. Em pleno sol.

Para conquistar Pedro e Paulo, Madalena, Agostinho ou Inácio de Loyola, Deus teve que empregar a esquerda. Ante a mão direita debatem-se, revoltam-se, obstinam-se. Entra então em jogo a esquerda. Mas na sombra, sem dar a cara, buscando um disfarce. A mão de Deus — o seu amor! — inventa uma engenhosa e divina metamorfose e transforma-se em raio, em bala de canhão, em dois olhos com lágrimas ou num galo que canta de noite...

O relâmpago cega Paulo, a quem não conseguiram iluminar os olhos claríssimos e agonizantes de Estêvão no martírio, que quis ser mão direita de Deus. O relâmpago cega-o, sepultando-o na noite, para que nestas trevas brilhe a luz nova de Damasco.

A bala dum canhão francês leva a perna, conseguindo a sua rendição, a Inácio de Loyola, que tinha suportado e repellido, sem jamais capitular, todos os suaves ataques da mão direita de Deus.

O canto dum galo, que acutilla a noite, tem mais eloquência para Pedro que as palavras directas e transparentes do Mestre. Entende tudo então. E desata a chorar.

E a rebeldia intelectual de Agostinho, que flutuou sempre de cabeça erguida sobre as procelosas e oceânicas tormentas dos seus pensamentos, acaba por perecer afogado nos dois mansos arroios de lágrimas, que rolam pelas faces da sua mãe, Mónica.

*
*
*

A mão esquerda de Deus!

Aqui está, Cristo; é a que te deixaram; parece que nada faz, negligente e imóvel, enquanto a outra, a direita, num turbilhão de actividades, anda voando pelas consciências.

E, no entanto, que seria de nós sem a tua mão esquerda?

Engano-me, Senhor, se disser que aquele que te profanou e mutilou nesta Imagem Partida da Serra de Aracena foi salvo, definitivamente, pela tua mão esquerda?

Arrancou-te pela raiz a direita. Deixou-te, porém, a esquerda, que foi a sua salvação.

— Quem havia de dizê-lo!

Com o abuso da tua bondade e da nossa liberdade, tornamos quase inútil, em nós, a actividade da tua suavíssima mão direita. Estamos a repeli-la continuamente.

E Tu voltas, incansável, à amorosa conquista.

A tua mão direita cerca-nos, persegue-nos, assedia-nos carinhosamente.

Trata de ser freio que nos detenha; afastamo-la bruscamente, deixando livre do teu estorvo, o nosso descarrilado caminho: Afasta-te!

Quer erguer-nos do barro em que caímos; prende-se-nos, como uma asa, aos ombros. Arrancamo-la: Hoje não quero voar; amanhã. Deixa-me!

Entra-nos no peito para ver se consegue abrandar o nosso coração de pedra; ao senti-la, endurecemo-lo ainda mais: Isso é para crianças e velhas, eu sou um homem. Vai-te!

Senta-se no nosso colo, tentando enlazar-nos fraternalmente o ombro abatido e fracassado; afastamo-la zangados: Não necessito de companhia nem consolo. Fora!

Persegue-nos na noite pecadora; assiste ao sórdido contrato, penetra na casa equívoca, é um soluço na nossa prevaricação e vai-nos seguindo de perto no caminho asqueroso do regresso... até que, enfurecidos, lhe gritamos: Quando me deixarás em paz? Já não sou criança. Sou um homem livre. Faço o que quero. Deixa-me de uma vez!

Desvirtuamos o bom exemplo: — Está tudo calculado!

Rimo-nos do livro moralizante: — Para os ingênuos!

Esterilizamos um bom conselho: — Não lho pedi!

Rimo-nos de um aviso providencial nos outros: — Que tolice, coisas que têm de suceder!

E, a murros bruscos e desalmados, afastamos continuamente da nossa beira essa mão direita de Deus que, suave, calada, insinuante, dorida e paternal, tratava adejando de ser carícia, sorriso, voo, esperança, perfume, bálsamo e beijo na nossa vida.

*

*

*

A mão de Deus estorva-nos.

E, além disso, não necessitamos dela para nada. Porque não sentimos a falta de Deus.

Se temos na mão os elementos da nossa felicidade, que falta nos faz essa mão pesada, incômoda e opressora de Deus?

Temos um bom lugar na sociedade, que melhor trampolim para os nossos sonhos?

Sobra-nos o dinheiro, que falta faz Deus? Não há melhor Deus que a carteira repleta.

Ou podemos esbanjar juventude e forças físicas que valem mais que o dinheiro.

Por isso, ao menos por agora, que Deus me deixe em paz!

E Deus retira então, muitas vezes, a mão direita. Tornamo-la praticamente inútil para nós.

Às vezes, com a sua mão direita, retira-se também Deus. E ficamos sós.

Solidão misteriosa e trágica. Pavoroso prelúdio da solidão eterna.

Outras vezes, muitas — que sorte então! — Deus não se dá por vencido. Retira a direita, mas desprega a esquerda. Deixa a direita de reserva e em descanso. Voltará a usá-la depois. E joga com a esquerda. E que irresistível não é Cristo, quando decide empregá-la! Ninguém maneja a mão esquerda melhor que Deus!

Os seus recursos são infinitos.

Ontem disfarçou-a de galo, de relâmpago, de canhão primitivo.

Hoje dissimula-a com mais modernos e actuais disfarces. É o Ser mais actual. Vai na vanguarda de todos os tempos.

Rompe-se uma represa, que arrasa as minhas propriedades, as minhas granjas e a minha fábrica. E fico sem nada.

Tenho um descuido inexplicável no trabalho e a máquina corta-me um braço. Agora, que vai ser de mim?

Iamos de automóvel a cem à hora; saiu-nos inesperadamente um camião pela direita, chocámos e morreram-me no acidente mulher e filho. Salvei-me por milagre. Fiquei destroçado de corpo e alma. Que hei-de fazer, quando sair da clínica?...

Nunca tive uma doença, mas diz-me o médico que tenho não sei quê no coração. Nem álcool, nem tabaco, nem noitadas, nem qualquer excesso. E isto na minha idade?

Tive sempre um inimigo invejoso de que sempre triunfei; ontem, porém, conseguiu, por meio de uma rasteira, afastar-me do lugar que tinha. Onde esconder-me? Tenho vergonha de sair à rua.

Acredita que a única filha que tenho, um amor de rapariga, terminado o curso, resolve ir agora para as Carmelitas Descalças?

Tenho vinte e dois anos. Disputavam-me as raparigas do bairro. Estou de cama há dois meses e acaba de dizer-me um bom amigo que isto da minha perna é um cancro no osso. E vou morrer aos vinte e dois anos? Não espero que a morte chegue! Só faltava essa!

Ante a mão esquerda de Deus que, quando actua, irrompe quase sempre inesperada e implacável na nossa existência, a primeira reacção é um grito de protesto, de rebeldia e desespero.

Esqueçamos a represa, o automóvel, o traidor, o cancro, a morte, o acidente, porque adivinhamos que eles afinal não têm culpa, que são intermediários de outra causa imperiosa mais alta e inacessível, que os move e aproveita. Julgamos Deus como único responsável desta dor que, por ser tão terrivelmente profunda, não pode vir

das criaturas e, logicamente, enfrentamos Deus como culpado.

E gritamos-lhe. Perguntamos-lhe: Porquê? Porquê? Exigimos-lhe: Intimamo-lo. Desafiamo-lo. Condenamo-lo. É injusto, cruel, desapiedado, não tem coração de pai.

Pai? Se fosse pai, não me trataria assim!

E revoltamo-nos, cerceados e impotentes, destroçados e aniquilados, contra a terrível mão esquerda de Deus.

Gritamos. Protestamos. Revoltamo-nos.

Depois ficamos sós...

Vêm as primeiras lágrimas nervosas e escaldantes.

E, sem darmos pela conta, a primeira oração.

Tornamos a protestar. Contra Deus. E contra a nossa primeira oração.

Chega o cansaço.

Outra vez sós.

As lágrimas são já mais serenas.

Já rezamos sem protestar.

Temos vontade de beijar algo... O quê?

Sim. Isso. Já sabemos: um crucifixo.

E com um beijo dizemos a Deus que está bem tudo quanto Ele determinar.

Terrível. Violenta. Dura. Implacável.

Porém, bendita mão esquerda de Deus!

É o beijo que mais custa a dar.

Mas é o mais saboroso de todos os beijos.

O mais difícil é dar o primeiro. Depois... já não se pode viver sem beijar a mão esquerda de Deus.

E formulam-se «absurdas» expressões:

— Bendita represa que rebentou. Arrasou a minha fábrica, mas aproximou-me de Deus!

— Tenho vinte e dois anos e um cancro ósseo. Nunca fui tão feliz como agora!

— Ainda que me devolvessem a saúde, não a queria. Aprendi muitas coisas ignoradas.

— A minha filha freira? Que seria de mim sem ela? Quer saber a verdade? Ofereceu a sua vida de clausura pela minha salvação. Eu andava tão longe de Deus...

Estou a pensar, Cristo Partido, que na tarde da primeira Sexta-feira Santa, quando os homens te pregaram na Cruz e se ergueu na história o primeiro Crucifixo Vivo, junto a Ti, de ambos os lados, esquerda e direita, se levantaram outros dois crucifixos vivos, de carne também, os dois Ladrões.

Eram ladrões, mas Tu amava-os e havia-os perseguido toda a vida com a tua mão direita. Inútil. Escapavam-se-te sempre.

Decidiste então empregar a tua esquerda, que disfarçaste em forma de cruz.

E é este o disfarce primitivo e verdadeiro da tua mão esquerda: a Cruz.

O acidente de trabalho, a represa reben-tada, o choque de automóvel, o fracasso, o cancro... — a tua mão esquerda! — não continuam a ser cruces onde nos crucifica a dor?

Aos dois ladrões fizeste a oferta suprema da tua Cruz — da tua mão esquerda. E colocaste a teu lado as suas cruces para que, com um só volver de cabeça, eles aprendessem contigo a beijar a mão esquerda do Pai.

Um — dizem que o da direita — depois de haver tantas vezes repellido a tua mão direita, aceitou a cruz da tua esquerda e, pela esquerda, se guindou ao Reino dos Céus: «Hoje estarás comigo no Paraíso».

Mas o outro — dizem que o da esquerda — acostumado sempre a afastar a tua mão, não soube distinguir a última oportunidade e, treinado na rebeldia, repeliu também a esquerda: «Se és Cristo, salva-te a ti e a nós».

Fez falhar as tuas duas mãos, a esquerda e a direita. Torcia-se, desesperado e blasfemo, na mais espantosa agonia tão perto das tuas mãos, abertas até se descon-juntarem, para salvá-lo e que começavam já a esfriar na Cruz pela morte e pelo fracasso.

Quiseste abraçá-lo com a tua esquerda e a tua direita.

Mas ficaste para sempre com o braço frustrado entre as tuas mãos falhadas.

E isto tendo-o colocado ao lado do teu Coração: à tua esquerda.

A esquerda está mais perto do teu Coração que a mão direita.

Naturalmente, porque só usas a esquerda com aqueles que misteriosamente e privilegiadamente o teu Coração ama.

Mas, claro, como tudo é questão de amor, também, reciprocamente, para aceitar a cruz implacável da tua esquerda há que ter coração.

Porque também está na nossa mão de homens tornar inútil a mão esquerda de Deus.

*
*
*

Meu Cristo Partido:

Agora, sim, jamais te mandarei restaurar.

Quero-te assim para sempre junto de mim: sem mão direita. Só com a tua esquerda.

Para olhá-la muito e afeiçoar-me a ela.

Para acolher-me à sua sombra e perder o medo.

Para beijá-la muito, muito... de modo que os meus lábios se treinem nesse beijo difícil.

E sobretudo, Senhor, para estar certo de que, se falhasse comigo a doçura da tua mão direita, empregarias para salvar-me a tua terrível mão esquerda.

Meu Cristo Partido:

Digo-te em meu nome e no de todos os amigos telespectadores, que te estão a ver no «écran», falho da mão direita, oferecendo-nos a esquerda.

Digo-te em nome de todos, porque todos somos corajosos para to pedir a partir de agora.

Senhor, se não basta para salvar-nos a ternura da tua direita, desprega a esquerda e disfarça-a do que quiseses — fracasso, calúnia, ruína, acidente, cancro, morte...

Cristo Partido:

Que sejamos filhos da tua mão!

Da tua direita,
ou da tua esquerda!

Senhor, estou a pensar que sempre tive devoção à tua esquerda. Há muitos, muitos anos já, escrevi-te estes versos íntimos. Permite-me que agora os diga em voz alta:

*«Dá-me a tua mão, ainda que seja a
[esquerda,*

Tanto faz, se for tua.

*Se segurar a tua mão, não há receio
[de fugir.*

*Se segurares a minha, não há receio de
[perder-me
Dá-me a tua mão, ainda que seja a
[esquerda».*

Até amanhã, amigos.
Apenas uma sugestão antes de ir-me embora.

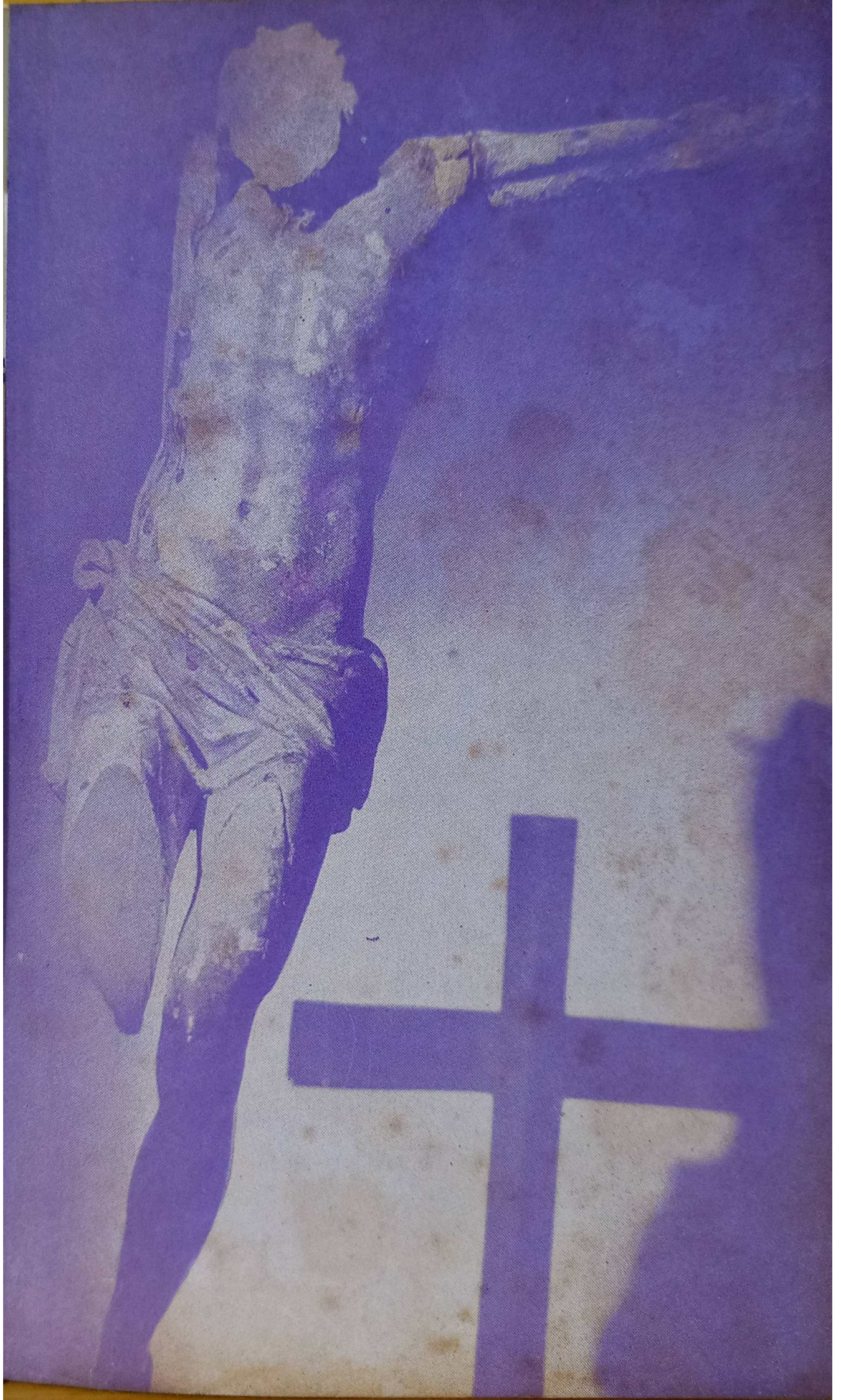
À cabeceira da cama, ou na mesa de cabeceira, tens um Cristo pregado na Cruz.

Por que antes de deitar-te, esta noite, não lhe beijas a mão esquerda?

E venha o que vier!

Atreve-te.

Boa noite, amigos.



Perdeu-se uma cruz

Boa noite, amigos:

Vou aproveitar nesta noite a minha actuação na Televisão Espanhola para fazer um anúncio. Boa ocasião, uma vez que conto com vários milhões de telespectadores.

Um anúncio breve. E não comercial. Por isso estou certo de que não mo cobrará a Televisão Espanhola.

Atenção, senhores:

«Perdeu-se uma cruz». E não se encontra. Tê-la-á encontrado algum de vós?

O meu Cristo Partido — como vedes — perdeu a sua cruz neste apressado e afanoso vaivém.

E não a localizamos.

Ele deve sabê-lo, mas não responde. Além disso, é mudo!

O antiquário de Sevilha, que mo vendeu, também não oferece qualquer pista. Encontrou-o já assim num palheiro da Serra de Aracena.

Nem rasto.

E eu queria devolver a cruz ao meu Cristo Partido. É o mínimo que pode ter um Crucificado.

Proibiu-me que o restaurasse.

Estou certo, porém, de que pô-lo numa cruz não é restaurá-lo.

Não vos parece o mesmo?

Dá-me pena vê-lo assim.

Não só pelas suas chagas e mutilações. Mas também por tê-lo sem cruz.

Porque permanecer em cruz, sem cruz, deve ser um duplo tormento.

Devolver-lhe a cruz para que, pelo menos, descanse um pouco nela.

Se o reclino numa almofada como agora aqui sobre esta mesa, sinto-me cruel, porque sei que também não descansa. O seu lugar é a cruz.

Mas onde está?

Por isso, amigos, vos peço ajuda.

«Perdeu-se uma cruz».

Algum de vós encontrou uma cruz?

Quereis os sinais? O tamanho?

Pois aqui tendes. Não muito grande. De altura, uns noventa centímetros. E sessenta de largura. Não é muito grande. Mas é uma cruz. E não há cruz pequena.

Além disso, é para um Cristo. E então não há modo de medi-la.

Estas medidas bastam. Porque todas as cruzes, no fundo, são iguais.

Perdoai, pois, a minha insistência:

Amigos, algum de vós encontrou uma cruz?

Ou sabeis de alguém, vizinho, parente, amigo, que a tenha encontrado?

Pode ter sido em qualquer lado, no lugar mais inverosímil, porque o meu Cristo mete-se e anda com a cruz por toda a parte.

Na rua, sobre o passeio; numa cadeira do bar; ao balcão do café; na secretária do escritório; no torno da oficina; no banco do parque; no elevador da mina; na montra; no assento do autocarro; num degrau da escada; à entrada do átrio; junto ao balde do lixo; no bengaleiro do cabaré; no metro; na praia; na escuridão do cinema... Que sei eu? Há tantos sítios!

Anda-se por tantos lados!

Em qualquer deles, algum de vós não deu com uma cruz?

*

*

*

Sim, sim, já sei o que estais a pensar.

Mas que pergunta, Padre!

Se encontrámos uma cruz?

Uma? Uma só?

Encontrámos tantas cruzes! E todos nós!

É verdade. Tendes razão. Por isso, agora vos faço a pergunta contrária.

Quem de vós, amigos, quem de nós, não encontrou a cruz?

Ou, melhor, quem não tem uma cruz? Todos. Sem excepção.

É um direito de propriedade irrenunciável, que se está exercendo sempre.

Contra esta pessoalíssima propriedade privada não pode nem o Comunismo. Todo o comunista tem a sua própria cruz. Inalienável.

Impossível socializá-la.

E todos a trazem em cima. Às costas.

Embora se não veja. Ainda que sorriamos e dissimulemos.

Às vezes, por ser oculta, é mais pesada.

Também não vedes a minha. Vedem-me a mim, multiplicado em todos os «écrans» receptores, mas não vedes a minha cruz. Não é captada pelas câmaras; escapa ao seu poder.

Mas tenho-a, ainda que não estenda os braços em cruz. Mesmo que não saia por detrás dos meus ombros.

Tenho-a.

E vós, a vossa.

*
* *

Aqui, neste estúdio da Televisão Espanhola, há muitos homens, nossos irmãos, que se movem à minha volta, trabalhando

mudos, em absoluto silêncio, para conseguirem uma emissão perfeita.

Não os vedes. Eu sim, ainda que dificilmente, porque os focos, dirigidos para mim, cegam-me e ofuscam-me um pouco.

Todos trabalham e se afadigam em silêncio. É a sua profissão. Todos, porém, todos trabalham com uma cruz. A sua cruz.

À minha direita está Zarza, manejando uma câmara e, à minha esquerda, opera Carballo com a outra; alternando-se os dois. Têm postos os auscultadores para ouvir em silêncio as ordens do controlo... mas, também têm uma cruz sobre os ombros. Tiraram o casaco para trabalhar mais comodamente, dado o excessivo calor do estúdio; não puderam, contudo, despojar-se da cruz. Há que trabalhar com ela posta.

Em frente vejo Diego que vigia atentamente a «girafa» do som, com a sua cruz.

E Romay, que se encarrega dos focos, também com a sua cruz.

E Luís Lord, o realizador, que me dá as indicações com sinais, e que tem uma cruz...

E os ajudantes, todo o pessoal que intervem neste programa: todos com uma cruz.

Estamos todos a trabalhar com a nossa cruz às costas.

(Mas, então, que é isto? Um estúdio da Televisão Espanhola em Madrid, ou uma cena fantástica duma eterna Paixão?).

E, com a vossa cruz também às costas, contemplais este programa.

Só existe e é real o que se vê?

A nossa cruz que o diga. Se, por não a ver, pudéssemos negar a sua existência!

Inútil. Eu também vos não vejo e ainda menos as vossas cruzeiras, mas não me engano — tende-las bem perto.

Onde quer que estejais: na vossa casa, na do vizinho, no café...

Esta noite, ao deitarmo-nos, não poderemos deixá-la dependurada no cabide: encostar-se-á à nossa própria almofada. Tropeçaremos nela em sonhos. E acordar-nos-á, em sobressalto, de vez em quando.

E amanhã, ao levantarmo-nos, não será necessário vestir a cruz; saltaremos da cama com ela já posta.

Não nos deixará em todo o dia.

À entrada do emprego, deixaremos estacionado o automóvel, a moto, a bicicleta...

Oxalá que pudéssemos todos os dias deixar também estacionada por umas horas a nossa cruz! Impossível!

Ainda que todos caminhemos com uma — ou com várias —, para as cruzeiras não há problemas de estacionamento.

Não ocupam lugar. Mesmo que ocupem e absorvam toda uma vida.

Não precisam de vestiário: sentam-se connosco no mesmo assento do cinema, do teatro, do cabaré, do avião, do parque, da praia.

A cruz instala-se em todas as casas e em todos os andares, quer na cave, quer na trapeira.

E não a assustam nem o quinto nem o oitavo andar, porque a cruz não precisa de elevador.

Uma barraca de latas e um chalé com piscina diferenciam-se em tudo, excepto na cruz que os remata a ambos.

E ainda — em contrapartida — tem mais categoria a cruz do chalé. Lógico, por um lado, não é assim?

Também se não inscreve no livro de recepção do hotel: mas é um hóspede que está em todos os quartos.

Às vezes, como os hotéis, será uma cruz de Luxo, outras vezes de Primeira ou de Terceira. Quase sempre, porém, a qualidade da nossa cruz supera a categoria do hotel.

Os que desenham e fabricam os últimos modelos de automóveis nunca a têm em conta. Nem também dela se apercebem os agentes de tráfego. E, no entanto, não há excepção: — Seat, Mercedes, Fiat ou Cadillac — todos os carros circulam sobrecarregados: uma cruz por cada assento ocupado.

E ainda bem que nos aviões não nos pesam a cruz com as malas: ninguém dei-

xaria de pagar um insuspeitado e arruinante excesso de bagagem.

É a carga máxima da nossa existência.

*
* *

Quem encontrou uma cruz?!

Todos. Bons e maus. Santos e criminosos. Sãos e enfermos.

Nem respeita, sequer, os partidos políticos, por opostos que sejam. O monárquico e o republicano igualam-se na cruz pessoal, que os oprime.

Não importa que se não acredite nela. Em relação há cruz não existem hereges nem descrentes.

Também os que se dizem ateus arrastam a sua cruz. A mais ilógica e insuportável de todas.

E os que parecem desafiar a dor com as gargalhadas e loucuras da sua vida.

Essa pobre prostituta que, a estas horas, pintada e aborrecida, espera sentada ao balcão do café ou encostada à esquina estratégica, traz às costas uma pavorosa cruz.

Pesa tanto que se apoia, recostando-se na esquina.

Uma cruz mais pesada do que suspeita quem a vê passar insensível e leviana.

E o que se aproxima dela, buscando o prazer, fá-lo para fugir de outra cruz.

Com a respectiva cruz às costas falam os dois, regateiam os dois, prometem os dois, ajustam, por fim, os dois.

E lá vão os dois, pela rua adiante, com pressa, os dois... e com a cruz às costas, os dois!

E quando regressam, quando já trataram de aplacar a sua fome de felicidade, sentem, defraudados, que aumentou a cruz — pesa agora mais que anteriormente. É maior.

Nela, de asco e aviltamento — prostituiu-se uma vez mais, por mero dinheiro.

Nele, de desilusão e desencanto — afinal, não valia a pena!

Para amanhã voltar a surgir nele, outra vez, a cruz do desejo. E nela, dentro em pouco, novamente o asco e o cansaço...

E sempre com a cruz às costas.

Ainda que esta é mais triste, por culpada.

E porque não redime, mas apenas condena.

E porque não abençoa, porque é a cruz maldita do diabo.

*
* *

Não pretendas furtar-te à cruz. É inútil.

Não se adquire. Nasce connosco.

Vimos ao mundo com a semente de uma cruz — ou de muitas — enterrada na carne.

Já no berço se embala e dorme uma cruz que, às vezes, desperta as crianças.

Talvez que estas noites tenhas tido que levantar-te, interrompendo este programa de televisão, por chorar no berço o teu menino. É a cruz, pequenina ainda. De brinquedo também.

E, como a criança, irá crescendo dia a dia ao longo da sua existência. Sempre à medida do homem. As cruzes não ficam pequenas como os fatos velhos. Pelo contrário, quase sempre temos a impressão de que ultrapassam a nossa medida.

Ficam-nos grandes. Como se Deus se tivesse enganado no tamanho: esta cruz não é para mim. Supera as minhas forças. Mas, lá vamos arrostando com ela!

Nós, homens, que temos conseguido tantos progressos e refinamentos, não encontramos ainda processo de eliminar a cruz. Ela assoma sempre a cabeça vitoriosa por cima do conforto moderno, que pretende sepultá-la.

Lançamos homens a voar no espaço; mas sobem, dão voltas e regressam à terra com a sua inevitável cruz.

Não há intervenção cirúrgica que consiga extirpá-la pela raiz.

Se quiséssemos arrancá-la do ombro direito, em pouco tempo, por uma inevitável

e misteriosa metátese, voltaria a nascer do esquerdo. É que está no sangue. Não há solução.

*
*
*
É a mais fecunda e universal semente.

Em qualquer torrão de qualquer país, sem que alguém a plante, aloja-se uma semente dolorosa.

Na tua herdade, na tua granja, na tua horta, no teu bosque, que colheita anual de cruzes! Supera talvez a do trigo, a do azeite, a do milho, a da madeira...

Na primeira pedra de todos os edifícios públicos ou particulares, ainda que colocada com música e flores pelo Bispo, pelos membros do Governo ou pelo Presidente da Câmara, vai incrustada, vital e fértil, uma cruz invisível.

Cresce ao mesmo tempo que o edifício, mete-se por entre os andaimes, projecta-se e enlaça-se na própria armadura metálica, multiplica-se, prolifera em todos os andares e acaba coroando o edifício, dona e dominadora, por cima das antenas da televisão.

O remate de todas as torres é uma cruz bem visível. O remate de todas as casas é também uma cruz, que ninguém vê.

Cada novo edifício que se ergue, é sempre, dum modo ou doutro, uma cruz para todos: desde o architecto que o desenha, ao engenheiro e operários que o constroem, e a todos e a cada um dos que habitam depois os seus andares.

Todo o edifício tem a forma de cruz, ainda que não seja perceptível.

Uma noite tive um pesadelo terrível como num filme de *Ingmar Bergman*. Acabava de passar uns dias em Nova Iorque, oprimido e abafado pelas massas verticais dos seus arranha-céus.

E nessa noite sonhei com uma fantástica cidade, como uma Nova Iorque centuplicada, onde os arranha-céus se abriam ao alto em forma de cruz e cujas portas e infinitas janelas, iluminadas por dentro, à noite, tomavam a mesma forma, para mostrar-me, em cada um dos pequenos vãos, um homem crucificado. Que angustioso pesadelo o daquela noite, atravessando em sonhos as ruas trágicamente silenciosas e vazias, sob o olhar dilacerado de infinitos homens crucificados nas janelas dos arranha-céus crucíferos, e arrastando eu, único caminhante, a minha cruz que rangia no asfalto pelas intermináveis ruas solitárias!

E não é verdade?

Toda a cidade, afinal, é um bosque, uma selva, uma colmeia de cruzes.

Para fugir da cruz, há que deixar de existir. Libertam-se definitivamente dela os que têm a dita de conseguir uma boa morte.

Tal nos é concedido por umas horas, como num breve ensaio e antecipação, quando dormimos.

O sono, durante o qual de certo modo deixamos de existir, liberta-nos da cruz, da dor, da angústia. Para voltarmos a existir, ao despertar, e encontrarmos de novo a cruz. Porém, frescos e renovados para mais uma jornada da Via-Sacra.

O angustioso é quando nos falha até o recurso renovador do sono. Quando não chegamos a conciliá-lo. Quando o repouso nocturno, que era nos planos de Deus uma periódica libertação da cruz, se converte numa nova cruz — a insónia.

Cruz moderna da humanidade, fruto involuntário ou culpado da tensão absurda da nossa vida.

E para dormir, para esquecer durante umas horas a cruz, o homem estende a mão tensa e trémula aos narcóticos.

A cifra é aterradora, ainda que atrasada na data. No ano de 1940 consumiram-se

mil e quatrocentas toneladas de narcóticos em todo o mundo.

Em 1953, só nos Estados Unidos, gastaram-se trezentas toneladas de narcóticos.

No intuito de se conseguir um sono mentiroso e artificial.

Pobre humanidade, dia e noite com a sua cruz!

*
*
*

Recordo-me com pena de um amigo que enlouqueceu com a mania de não pisar a cruz ao andar. Caminhava em bicos de pés ou em pequenos saltos, para evitar a profanação — em seu entender — de pisar a cruz... Porque as lousas, os azulejos, o parqué do pavimento, num inevitável cruzamento de linhas, desenhavam continuamente inumeráveis cruces.

Perdeu a razão e teve que ser internado num manicómio.

Que trágica cruz por não pisar cruces!

Perigosa mania. Porque, efectivamente, não se pode dar um passo pelo mundo sem tropeçar, sem pisar uma cruz.

*
*
*

Todas as coisas que na vida nos proporcionam satisfação, alegria ou prazer, por

são e elementar que este seja, trazem visível ou escondido o selo da fábrica — uma pequena cruz.

Tudo: a rosa e o pão; a nota de banco e a jóia; o salário corrente e a partilha abundante de benefícios.

Tudo é filho da nossa dor, da nossa cruz. Tudo adquirimos ou compramos com o suor, o trabalho, a ambição, a saúde, a fadiga...

O «Made na dor» é o selo da fábrica, incrustado a fogo lento, que ostentam todas as coisas da nossa vida.

*
*
*

Até o tempo, fulcro da nossa existência, se mede com cruces nos mostradores de todos os relógios.

No teu relógio de pulso os dois ponteiros, que incansavelmente se perseguem, vão desenhando, ao girar num mesmo eixo, reais e imaginárias cruces sobre o teu tempo.

O teu tempo em cruz. Crucificado também.

Enquanto, simultâneo e paralelo, o teu braço direito, ponteiro gigante da tua actividade, vai marcando sobre ti, ao ben-

zeres-te, da testa ao peito, desde criança a velho, cruces e cruces, que ungem de bênção as obras e o tempo da tua vida.

*
* *

Até à hora da nossa morte.

Cada dor da nossa vida é um pequeno prelúdio e uma miniatura daquela hora suprema em que se aplica a cada um, íntegra e justa, a medida máxima da nossa cruz.

Vai-nos vencendo a cruz em cada uma das nossas dores.

Derrota-nos, porém, absolutamente, na hora da nossa morte.

O triunfo da cruz.

Somos seus: por isso, à cabeceira entre dois círios, ela preside à exposição do nosso cadáver.

A caminho do cemitério, a única coisa que levamos entre as mãos rígidas é uma pequena cruz.

Tiraram-nos e arrancaram-nos tudo. Nada é já nosso. De quanto possuíamos fica-nos uma só coisa — a cruz entre as mãos.

No derradeiro naufrágio agarramo-nos obstinadamente à única tábua segura: a cruz.

O nosso último gesto de posse eterniza-o a morte nas nossas mãos que, já frias e

insensíveis, continuam a apertar uma cruz para além da vida.

Mas, afinal, não caminhamos já pela existência com uma cruz entre as mãos, embora tentando enganar-nos, dizendo que são rosas?

Que grande verdade o gesto das mãos mortas apertando uma cruz!

E os nossos herdeiros, que só nos deixaram uma cruz, lançar-se-ão ávidos sobre a herança e pensarão que enchem as mãos de rosas quando, no fundo, estão a recolher cruces.

Sobre o nosso túmulo florescerá a última verdade da nossa vida: uma cruz.

Sepultar-nos é afundar na terra o nosso corpo, como quem enterra uma semente.

Como um grão de trigo, partir-se-á e apodrecerá, mas lançará no ar, atravessando pujante a terra que o esmaga, a haste duma cruz.

O que trazíamos enterrado no nosso ser dá o seu fruto visível e póstumo na nossa sepultura.

Se se enterrar um cristão, nascerá uma cruz.

Marcou a nossa vida.

Assinala o nosso sepulcro.

«Santo e senha» inevitável.

*
* *

E, no entanto, lutamos contra a cruz com todas as nossas forças.

E desejaríamos mesmo arrancá-la a Cristo.

Nikos Kazantzaki, o famoso novelista grego, faz dizer a um dos seus personagens do «Cristo Recrucificado»: «Se Cristo voltasse hoje, não traria a cruz, mas um bidão de gasolina para regar os exploradores e os injustos e lançar-lhes fogo».

Que engano! Isto é não conhecer Cristo. Cristo e a cruz são inseparáveis.

Sim, é certo — Ele o afirmou — que vem lançar fogo à terra e quer que toda ela arda no fogo.

Cristo, porém, não provoca o incêndio com um revolucionário bidão de gasolina, que dá chamas de ódio.

Mas com a cruz, ungida do seu sangue, que desperta incêndios de amor.

E é imensamente mais pesado um bidão incendiário de gasolina que a cruz de Cristo.

O nosso engano é querermos despojar Cristo da sua cruz, para vermos se assim nos livramos da nossa.

Não caíamos em semelhante aberração.

Respeitemos a cruz que Cristo escolheu voluntariamente, pois Ele ama-a com desmedido amor desde toda a eternidade.

Por isso, amigos, eu ando em busca de uma cruz para o meu Cristo Partido, que ficou sem ela.

O meu Cristo Partido pede-a, reclama-a, exige-a.

Já não pode estar sem cruz.

Enquanto que nós não sabemos, não queremos, nem podemos por vezes viver com a nossa.

E a pior táctica é a revolta. Lutar contra a cruz é inútil: ela defende-se ferozmente contra os nossos intentos de eliminá-la.

Ê combater contra um gigante: vence-nos.

Mais: é lutar contra Deus, que está nela; acabaremos duplamente crucificados.

Não partas a tua cruz: os pedaços soltos voltarão, vivos, a soldar-se.

Não a enterres: ressuscitará imortal, milhares de vezes.

Não a escondas: encontrar-te-á sempre.

Não a afastes: pesará o dobro.

Não penses em matá-la: Deus defende-a.

*
* *

Afinal, sabes, amigo, por que às vezes a nossa cruz acaba por ser insuportável?

Por que é um enigma incompreensível e desconcertante?

Sabes por que chega a converter-se em desespero e suicídio?

É porque então a nossa cruz é uma cruz solitária, uma cruz sem Cristo.

E uma cruz assim, só e vazia, é insuportável.

A Cruz apenas se pode tolerar quando traz um Cristo entre os seus braços.

Uma cruz laica, sem sangue nem amor de Deus, é absurdo aguentá-la. Não tem sentido.

Concordo contigo.

*

*

*

Por isso me ocorre uma ideia:

Eu tenho um Cristo sem cruz. Olha-o.

E tu tens possivelmente uma cruz sem Cristo. Essa, que tu sabes.

Vós ambos estais incompletos.

O meu Cristo não descansa, porque lhe falta a sua cruz.

Tu não suportas a tua cruz, porque lhe falta Cristo.

Um Cristo sem cruz.

Uma cruz sem Cristo.

Aqui está a solução:

Por que os não juntamos e completamos?

Por que não dás esta noite a tua cruz vazia a Cristo?

Acabaremos todos por ganhar. Verás. Tu tens uma cruz solitária, vazia, gelada,

negra, pavorosa, sem sentido: uma cruz sem Cristo.

Compreendo-te: sofrer assim é irracional.

Não percebo como pudeste aguentá-la tanto tempo.

Uma cruz despojada de Cristo é um castigo, um puro instrumento de tortura, o princípio lógico do desespero.

Tens o remédio nas mãos: não sofras mais só.

Anda, dá-me essa tua cruz, vazia e solitária.

Dá-ma. Aproxima-a mais.

Dar-te-ei em troca este Cristo Partido, sem repouso nem cruz.

Toma-o. Aproxima-o de ti.

Estás a vê-lo, é teu, multiplicado prodigiosamente em todos os «écrans» de televisão.

Dá-lhe a tua cruz.

Toma o teu Cristo.

Junta-os. Crava-os. Abraça-os. Beija-os. E tudo terá mudado.

O meu Cristo Partido descansa na tua cruz.

A tua cruz abranda-se e suaviza-se com o meu Cristo nela.

A tua cruz já não é somente tua; é também e ao mesmo tempo a cruz de Cristo.

Vamos, toma a tua cruz, amigo, a tua cruz em Cristo.

Já não sofrerás só.

Trazê-la-eis os dois, o que é repartir o peso.

E acabarás, supremo achado, por abraçar
e amar a tua cruz, uma vez que Cristo está
nela.

•

•

•

Até amanhã, amigos.

Comecei por fazer um anúncio: «Perdeu-se
uma cruz».

Retiro-o. Já não faz falta.

Encontrámos uma cruz: a nossa.

Que acaba por ser a de Cristo.

Boa noite, amigos.



De que pé coxeia Deus?

Boa noite, amigos:

Ontem procurava a cruz perdida do meu Cristo Partido.

E encontrei-me com todas as nossas cru-
zes, as vossas e a minha, que se juntavam
ao meu Cristo despojado, realizando deste
modo a única síntese: a Cruz com Cristo,
que torna suportável a dor.

Mas ontem à noite houve mais:

Quando, terminado já o programa, ia sair
deste estúdio de Televisão com o meu Cristo
Partido nos braços, tocou um telefone.

— É para si, Padre.

— Está? Quem fala?

— É desnecessário o meu nome, Padre.

Permite-me que lhe ofereça uma cruz para
o seu Cristo Partido? Será, pode crer, de

madeira boa e antiga como a Imagem. Aceita?

Mal pude dizer que sim, porque me atalhou a mesma voz:

— Obrigado, Padre. Vou enviar-lha.

E cortaram a ligação. Desligaram.

Nem pude agradecer a cruz que me ofereciam.

Pelo contrário, agradeciam-me por tê-la aceitado.

Agradou-me o tom másculo daquela voz anónima; dava um presente a Deus sem discursos nem explicações. Acrescentou apenas que a cruz seria de boa madeira, que estaria de harmonia com o Cristo.

Profunda expressão: uma cruz de «boa madeira».

Não sabemos qual seria a árvore da primeira cruz, no Calvário, mas sabemos que aquela árvore, por vulgar que fosse, ao transformar-se na Cruz de Cristo, se converteu ao mesmo tempo na melhor madeira, a mais nobre de todos os bosques.

Todas as cruzes de Cristo são de boa madeira.

O meu amigo anónimo tinha-o já adivinhado.

E ele deve ser também, sem dúvida, de muito «boa madeira».

Que Deus o abençoe!

A estas horas ignoro ainda em que ruas e domicílio de Madrid se está talhando, em

boa e antiga madeira, uma cruz para o meu Cristo Partido.

Para Cristo que é — não é verdade, amigo? — da melhor madeira que existe.

*

*

Mas esta noite, enquanto longe se talha uma cruz, vamos deter-nos aos pés do Senhor.

Devíamos ter começado por aí, visto que, diante dum Cristo Crucificado, a aproximação normal e involuntária dos nossos lábios começa pelos pés.

Para eles vão, incontidos, os nossos olhos e os nossos beijos.

Ainda que, esta noite ao meu Cristo Partido só possamos beijar o seu pé esquerdo, despedaçado e incompleto.

Porque — como vedes — não tem o direito.

Falta-lhe o pé e a perna. Cortaram-lha precisamente acima do joelho, pelo meio da coxa.

Conserva íntegra a esquerda, se bem que muito mal colada. Nem sequer fizeram coincidir as duas partes unidas. E a cola suja e seca aparece, como uma crosta, entre as juntas.

Tinham pressa, Cristo, quando a colaram.

Parece um tratamento de urgência, feito num Banco de Sangue, numa mortificada frente de batalha, pelas mãos inábeis dum

improvisado enfermeiro que não pode com tanto serviço.

Pensaram, Cristo, que por então esse tratamento bastava.

E quem te comprasse depois, se preocuparia em unir-te bem essa pobre perna mal soldada.

Pegaram-na com cola apenas para apresentar-te ao comprador e conseguirem vender-te.

Quem te adquirisse, trataria de restaurar-te.

Mas não te preocupes: já to prometi solenemente. Não te restauro. Viverás assim a meu lado.

Muito embora cada vez que contemple a tua perna esquerda, tão mal colada, desfilem diante de mim, afligindo-me, tantos e tantos corpos doridos de irmãos mal suturados, mal curados, mal assistidos, mal soldados, mal engessados...

Não. Não acuso, Senhor.

Seria injusto.

Não conheço nem convivo com um só médico, capaz de fazer a qualquer doente o mesmo que fizeram à tua perna esquerda.

Mas conheço doentes com membros mal tratados. Como os teus.

É verdade que são pobres e não puderam pagar uma clínica de mais categoria.

Mas, isso não o justifica. Pelo contrário.

Não pensava, quem os operava, que estava operando a tua própria carne sofredora?

O caso é que desde agora, nessa cicatriz mal cosida, que um péssimo curandeiro te deixou na perna, vou escutar a queixa multiplicada de tantos irmãos, tão mal tratados como Tu.

*
*
*

Era costume, depois de deixar os crucificados suportarem por umas horas o terrível tormento da cruz, quebrar-lhes os ossos das pernas para apressar-lhes deste modo a morte e conceder-lhes a libertação definitiva do suplício.

Assim fizeram aos dois Ladrões, que acompanhavam o Senhor no Calvário.

A Cristo, porém, evitou-se este piedoso tormento.

Já não era preciso acelerar-lhe a morte compassiva.

Morreu antes dos dois Ladrões.

E ficou com os ossos inteiros nas suas pernas por quebrar.

Mas os tormentos que os verdugos do Calvário pouparam a Cristo, têm-lhos ido aplicando os homens ao longo dos séculos.

A paixão é um processo que jamais acaba.

Como prova, aqui está o meu Cristo Partido.

A eles, partiram-lhes somente os ossos, ao meu Cristo Partido levaram-lhe por inteiro uma coxa.

Por onde andarás metida a sua perna direita?

Cristo, a quem coube a Paixão mais dolorosa, foi o primeiro dos três a morrer.

Mas antes, o Mau Ladrão gritava-lhe lá em cima, da sua cruz; e o seu desafio era acompanhado no chão por soldados, verdugos e sacerdotes hebreus:

— Anda, se é verdade que és Filho de Deus, desce da Cruz e acreditaremos em Ti. Mentira. Não teriam acreditado.

Exigimos sempre de Deus uma prova diferente da que nos dá.

Com esta argúcia julgamos justificar-nos.

Pediam um milagre: que descesse da cruz; seria então Deus.

E não era maior milagre não querer descer da cruz e aguentar-se nela? Não era maior a prova da sua divina paciência?

Assim o entendeu o Bom Ladrão?

— Senhor, lembra-te de mim quando estiveres no teu Reino!

O que queria o Mau Ladrão não era um milagre como prova de fé, mas um milagre proveitoso e eficaz, que o livrasse da dor e da morte:

— Já que estamos os três no mesmo suplício, livra-te a Ti e a nós; desce-nos a todos da cruz e acreditaremos em Ti.

Condiciona a fé à sua comodidade e prazer.

Com uma blasfémia pede um milagre que lhe evite o sofrimento.

Cego pela raiva, insulta e desafia o Único que pode salvá-lo.

Fixa condições para crer.

Como se a fé fosse uma oferta ou uma gorjeta que o homem agradecido dá a Deus e não uma espontânea e misteriosa dádiva, que Deus dá ao homem.

Não lhe interessa nem a fé nem o milagre como tal. Nem Deus.

E morre, descrente, junto ao milagre mais portentoso da História: um Deus Crucificado, que não quer descer da cruz.

Ainda que, por se quedar nela, haja quem pense: não desce, porque não pode.

Quando precisamente a nossa Redenção se baseava em que Cristo superasse o repto e aguentasse na cruz sem descer, morrendo pregado nela.

A este Cristo Partido, amigos, desceram-no brutalmente da cruz, arrancando-o dela. Foi um puxão tão desumano que, com a cruz perdida, se foram os cravos, levando agarrados pedaços sangrentos de pés e mãos.

E Cristo, obrigado a descer da cruz, chegou até nós por meio do «Jueves» de Sevilha, sem a perna direita.

Paixão inédita: estamos na presença de um Cristo «Coxo».

Contemplando-o, assim, coxo, ocorre-me uma ideia que vou comentar convosco, ainda que vos pareça a princípio extravagante e absurda.

Tende paciência.

Sei que, a pouco e pouco, vos irá parecendo verosímil. Por fim, real.

Imaginaí que, assim como está, o meu Cristo Partido desce da cruz. Com uma só perna.

— Absurdo, Padre.

— Preveni-te. Calma. Espera, amigo. Aqui está o meu Cristo em terra.

Só pode apoiar-se na perna esquerda, visto faltar-lhe a direita. Acudimos, carinhosos, a dar-lhe a mão. A ampará-lo.

— Cristo, em primeiro lugar necessitas de uma perna postiça. Não há problema; a ortopedia faz prodígios. Vai ser dura e longa a aprendizagem. Bem sei que Tu estás treinado na dor como ninguém. Porém, como te falta a perna pela metade da coxa, por muito perfeita que a façam e muito bem que a adaptem, vai-se notar bastante no andar. Ao princípio, fá-lo-ás com duas muletas, depois com uma só. Por fim, talvez mesmo sem nenhuma. É difícil, mas tens de resignar-te: é preferível dizer-to duma vez: impossível dissimular o coxeio. Serás sempre um coxo com muleta ou com bengala.

Mas, ao fim e ao cabo, é assunto que não nos preocupa. A ortopedia resolve-no-lo.

Bem. Solucionado isto, que pensas fazer depois?

— Trabalhar, naturalmente.

— Sem uma perna?

— Com certeza. É preciso. Trabalhei em Nazaré. Sou Deus, mas fiz-me homem, voluntariamente sujeito e submetido a todas as exigências do homem. Poderiam alimentar-me os anjos. Mas tal não entra nos meus planos redentores. Tenho que cuidar da minha Mãe e de mim com o suor das minhas mãos. Tenho que trabalhar.

— Está bem. Mas, onde? Em quê?

— Não sei. Para isso estás tu. Preciso da tua ajuda. Vamos procurar trabalho. Conseguir uma colocação.

— Uma colocação? Que problema, Cristo! Em boa nos metemos! Perdoa a expressão: é o costume!

— Não poderás arranjar-me um emprego?

— Espera: é evidente que sim. Não há dificuldade. Ao ouvir-te falar de colocação, não me lembrei que era para ti, para Cristo. Tudo solucionado. Nem sei a que Empresa nos havemos de dirigir porque, se eles descobrem, irão disputar-te. Desde que peça um lugar para Cristo em pessoa, mesmo que o não tenham, inventam-no. Além do mais, será um lugar e um trabalho meramente aparente: será um pretexto para te entre-

garem a ti, Cristo, um esplêndido ordenado; dar-te-ão casa com aquecimento e automóvel. Dar-te-ão o melhor chalé da Empresa. Não vês que são cristãos e te amam? Imaginas o que significa para eles a oportunidade de prestar um serviço a Cristo em pessoa? Vamos. Não há problema, Senhor.

E comecei a andar.

— Não. Espera — disse o meu Cristo Partido. — Como tantas vezes, também me não entendeste agora. Esclareçamos as coisas. Em primeiro lugar, não quero a oferta de um vencimento sem trabalhar. Não. Procuro um emprego. Quero viver do meu trabalho. E em segundo lugar: não penses apresentar-me a alguém como Cristo, como Deus. Para isso não precisava de ti. Apresentar-me-ia eu só.

— Então, Senhor, quem digo que és?

— Um homem qualquer, um amigo necessitado, que procura uma colocação. Não terás vergonha de ter um amigo pobre, sem trabalho?

— Não. Senhor, Sabes bem que não... Mas será preciso um nome para preencher os impressos, os questionários. Como vais chamar-te?

— Como queiras. Procura-me um nome e um apelido. Qualquer entre os mais correntes e vulgares: Garcia, Lopes, Gonçalves, Fernandes... E não receies mentir, chamando-me por esses nomes. Sou Deus Redentor e trago em mim os nomes de todos

os meus filhos redimidos, os homens. Anda, resolve-te. Aonde vamos?

— Não sei, Cristo...

— Há pouco ias já a caminho. Tive que deter-te.

— Sim, é verdade. Mas antes ia colocar Cristo, Deus. Agora vou colocar Garcia, Lopes, Fernandes...

— É o mesmo! — exclamou Cristo, enérgico.

— O mesmo, para ti. Para o teu amor. Verás depois como é diferente para os homens, para o seu egoísmo.

— Mas se quando disseres «Garcia, Lopes, Fernandes», eles traduzirem por «Cristo»...

— Não, Senhor. Assim traduzem, pelos vistos, lá em cima, no Céu. Aqui não conhecemos essa equivalência. Aqui, na terra, um Garcia ou um Lopes traduz-se por «problema quase insolúvel». Aqui, na terra, traduzimos muito mal, Senhor. Não entendemos o idioma do Céu e do amor. Traduzimos apenas como e o que nos convém.

— Está bem. Ainda que muitos não saibam — ou não queiram — traduzir como se deve um «Peres» ou um «Garcia», alguém haverá que o traduza bem — insistiu Cristo.

— Não duvido que os haja, Senhor. Mas, na prática, é muito difícil encontrá-los. E tu mesmo o verás.

— Vejo que tens um conceito bem pobre dos homens. És injusto com eles. Vais negar que, vendo-me sem a perna direita aos trinta

e três anos, não vão muitos — ou todos — compadecer-se de mim?

— Sim, Senhor, não o nego. Compadecer-se-ão e lamentar-se-ão todos. Concorde. Mas, de compadecer-se a dar-te uma colocação, vai um abismo.

— Não entendo. Não é sincera então a sua pena?

— Sim, é. Não vou negar a sensibilidade humana do seu coração cristão. Mas repara, Senhor: não depende pessoalmente deles poder colocar um homem num emprego. Assim mo têm explicado milhares de vezes. E, de tanto ouvir, já o sei de cor.

— Pois, de quem depende então? — perguntou Cristo.

— Da Empresa.

— E que é a Empresa?

— A Empresa, Senhor, é um moderníssimo invento dos homens para se defenderem e precaverem. É como um biombo, um para-vento ou uma trincheira. É a grande desculpa que te dão sempre: «Se dependesse de mim, agora mesmo lhe arranjava emprego; mas, compreende, aqui não sou ninguém, sou apenas um funcionário; isso depende da Empresa... A ela é que compete decidir». E, após esta explicação, ficam muito tranquilos, porque livraram a responsabilidade da sua consciência e lançaram toda a culpa sobre a Empresa.

— Pois, vamos à Empresa — insistiu Cristo.

— Impossível, Senhor, a Empresa existe, mas não se vê. Funciona e ordena, mas é inacessível. Decide e sanciona, mas não tem coração. A Empresa, Senhor, são os mesmos com outro nome. A Empresa é uma cómoda desculpa de eliminar compromissos e responsabilidades pessoais. A Empresa são todos e não é ninguém. É como aquilo do nosso Teatro Clássico: «Quem matou o Corregedor? — Fuenteovejuna, Senhor. E quem é Fuenteovejuna? Todos à uma!»⁵ — O mesmo no caso da Empresa: Todos à uma. Todos e ninguém! Porque, no fim, ninguém tem a culpa. É a Empresa! Perdoa-me que me meta no que me não diz respeito, mas não sei como te irás arranjar para pedir responsabilidades às Empresas no dia do Juízo: é porque depois ninguém sabe nada

⁵ Refere-se a um facto acontecido em 1476, na vila de Fuenteovejuna, situada na Província de Córdoba. — Os habitantes da vila, cansados da horrível opressão moral que exercia o Corregedor quando residia na vila, todos unidos mataram-no livrando-se dele, por não encontrarem melhor meio de fazer justiça. Os reis mandaram um juiz para instruir o processo. Todos, homens, mulheres, velhos e crianças, assumiram a responsabilidade. Quando o juiz perguntava:

— Quem matou o Corregedor?

— Fuenteovejuna, respondiam todos.

— E quem é Fuenteovejuna?

— Todos à uma!

O juiz não conseguiu saber mais. — Este facto deu ocasião a grandes produções da Literatura espanhola (*Nota dos Editores*).

de nada... Tudo se dilui e esfuma misteriosamente.

Amigos telespectadores: permiti-me um parêntesis necessário.

Volto a suplicar calma e paciência até ao fim.

Eu não pretendo abordar e muito menos criticar em toda a sua complexa contextura o problema das colocações e lugares de trabalho. Não.

O meu campo é muito mais limitado.

Apenas pretendo colocar um homem de trinta e três anos, um mutilado a quem falta a perna direita. Goxeia imenso e não pode, portanto, desempenhar uma actividade física eficiente. Também não tem cultura ou prática de escritório ou oficina.

Este é o caso concreto.

Não o esqueçamos, por favor.

E continuemos.

— Adiante, de qualquer modo! — atalhou Cristo. Vamos procurar trabalho. Não queres ajudar-me?

— Com toda a minha alma, Senhor. Vamos.

E começámos a andar decididos.

Tive, porém, que encurtar o passo. O meu

Cristo Partido não podia acompanhar-me e atrasara-se no caminho.

Ajustei o meu passo ao seu, lento e desigual.

Cristo caminhava ao meu lado, como que aos solavancos, inclinando o corpo para a esquerda e apoiando-se na muleta.

Avançávamos com dificuldade por entre o vaivém dos transeuntes, rodeados de gente apressada de umas vezes nos empurrava e outras obrigava Cristo a deter-se.

Veze houve que o perdi de vista por entre a multidão. Mas não era difícil localizá-lo. Bastava esperar um pouco. Tinha ficado para trás.

Julguei, de começo, que iríamos chamar a atenção dos outros. Que todos se voltariam para olhar Cristo.

Até que me persuadi de que ninguém o reconhecia: era mais um coxo na rua. Um homem que tinha tido a pouca sorte de perder uma perna, sabe Deus como. E passavam apressados a seu lado, cruzando-se com Ele, sem o olhar, acostumados a cruzar-se na rua com tantas, tantas misérias e dores. Era mais um!

Parecia-me tudo aquilo uma versão moderna e eterna da Via-Sacra; da rua da amargura. E o ruído seco e descompassado da muleta de Cristo no passeio soava-me como o arrastar de uma cruz.

Mas as pessoas, com as quais nos cruzávamos, não pensavam assim. Imaginavam,

ao vê-lo, que era uma vítima, salva por sorte dum acidente. Ou talvez um mutilado que tivesse deixado uma perna na guerra...

E é verdade também, Senhor. Que trágico acidente o do Calvário! Vítima sobrevivente pela tua Ressurreição. Regressas mutilado da mais encarniçada guerra: a que empreendeste — a morte contra o mal — para libertar-nos do pecado. A guerra em que por nós quiseste perder tudo, para conquistar também tudo para nós. A guerra com que Tu, iludido, imaginaras abolir para sempre todos os ódios e todas as guerras. Inútil. Nós, homens, temo-nos empenhado em continuar a guerra, matando-nos uns aos outros. Tu quiseste ser o primeiro e o último dos mortos. Mas não conseguiste. Não deixá-mos. E, ao ver-te avançar coxeando pela rua, ao abrir-te passagem por entre a multidão, imaginava o desfile gigantesco de centenas de milhares de mutilados nas loucas guerras desta louca humanidade.

Coxeando a meu lado, interrompeste, Cristo Partido, as minhas pobres meditações:

— Fica muito longe o sítio aonde vamos?

— Confesso, Senhor, que me não decidi ainda por nenhum. Tenho medo. Aí em frente, nesse «Grande Armazém», tenho um amigo. Mas não confio muito nele, para ser franco...

— Vamos — animou-me Cristo — e não te esqueças: sou um homem; chamo-me «Garcia», «Fernandes», «Peres». Como queiras.

Entrámos.

Não tardámos em sair.

Do «Grande Armazém», desiludidos, dirigimo-nos a um Banco.

Do Banco chegámos a uns Laboratórios.

Dos Laboratórios a uma Fábrica.

Depois, a uns Armazéns.

A seguir, a uns Escritórios Comerciais.

A uma Firma Exportadora Internacional.

A um Hotel.

A um Cinema.

... ..

E agora, meu Cristo Partido, aonde vamos?

...

Em toda a parte, pouco mais ou menos, a cena fora a mesma.

Entregava o meu cartão.

Recebiam-nos logo, sem grandes demoras.

Primeiramente, um cumprimento afectuoso.

Se eram amigos ou conhecidos, alegravam-se muito com a minha visita: «Vende-se muito caro, Padre; como é difícil vê-lo!».

Mas a cordialidade ia-se apagando quando chamava a atenção para o meu companheiro: «O senhor Garcia, um velho e querido amigo, para o qual solicito com o máximo interesse, como se fosse para mim, um emprego, um trabalho».

Já então tinham mudado de cara; estavam sérios.

Que pena ter de estragar a cordialidade duma visita amigável com o assunto duma collocação!

Eu compreendia. Mas a isso tínhamos ido!

E, por todo o lado, pouco mais ou menos, como se estivessem todos combinados, as mesmas frases, proferidas no mesmo tom. Como quem as sabe de cor e está mais que habituado a repeti-las.

— Que pouca sorte, Padre! Com o desejo que temos nesta Casa de agradar-lhe... E mais, tratando-se do «senhor Garcia», por quem tanto se interessa. Mas por que vem sempre quando temos o quadro preenchido? Olhe que já é fatalidade!

Uma pausa. Um olhar ao «senhor Garcia». Traduza-se: a Cristo. E uma pergunta dirigida a mim:

— O seu amigo é coxo, não é verdade?

— Sim, perdeu a perna direita numa acção religiosa, num feito heróico, para salvar a vida aos seus amigos.

Não me deixavam continuar. Interrompiam-me sempre. Como se já soubessem também de cor, por mil vezes repetida, a história gloriosa e heróica daquele caso.

— Interessante, Padre. Por isso nos custa ainda mais não podermos ser-lhe agradável.

Pausa embaraçosa.

Nova explicação:

— Disse-me antes, Padre, que o seu amigo não estava habilitado para serviços de oficina ou escritório, não é assim?

— Exacto.

— É pena, porque nesse caso talvez se pudesse encontrar uma solução mais fácil. Não posso garantir-lhe, evidentemente!

O nosso interlocutor iniciava o gesto de levantar-se. Compreendíamos: era a despedida discreta. Já estávamos a incomodar. E levantávamo-nos então. Eu ajudava Cristo a pôr-se de pé.

Fria e anónima, a voz continuava a repetir o regulamento da Casa:

— De qualquer modo, Padre, tomamos nota do seu recomendado com todo o interesse. O seu amigo chama-se...?

— Senhor Garcia.

— Ah, sim. Tinha-me esquecido. Desculpe. Ia tomar nota, eu evitava-o sempre.

— Não se incomode. Não é necessário. Basta avisar-me. Assim não há complicações com a direcção. Estou sempre em contacto com o meu amigo, o senhor Garcia.

Acompanhavam-nos até à porta do escritório.

Nalguns lados, à despedida, meteram-me discretamente uma nota nas mãos:

Isto é meramente pessoal, Padre. Uma pequena ajuda, ao menos.

— Que Deus lhe pague! — dizia eu distraidamente, por força do hábito.

Cristo olhava-me com um sorriso triste.

— Que não seja a última visita.

— Mas com melhor sorte, Padre.

— Sentimos muito, de verdade.

— Mande sempre que queira.

E uma vez mais, Cristo e eu nos encontrávamos na rua.

*
* *

Estou a pensar, Cristo, que um caso como o teu compromete qualquer Empresa de categoria. E quanto mais forte e luxuosa for a Empresa, mais perigoso e difícil é o compromisso.

Que fazer de um coxo, tão visível no seu coxear, como tu?

Uma vez que não podem confiar-te um trabalho físico, que também não poderias executar, terão que colocar-te fardado com elegante libré da Casa, na Portaria, na Recepção, no hall, junto do ascensor...

Mas, coxo?

Que diriam os clientes, os visitantes? O teu coxear rouba o prestígio, que é precisamente o que deve ter um digno porteiro fardado. O teu coxear destoa desagradavelmente do luxo dos mármore, das alcatifas, dos lustres e dos espelhos.

Má propaganda para a Casa e o Negócio.

Não pode evitar-se uma primeira má impressão aos que chegam.

Como se o Negócio não desse para mais e se visse forçado a admitir pessoal meio inútil ao qual, evidentemente, se paga menos.

É dar à Empresa um ar de Hospital ou de Asilo de inválidos.

É carecer em absoluto da Visão Moderna das Exigências Actuais, impostas pelo Desenvolvimento Social do Negócio.

Tudo deve colaborar no prestígio, no bom nome, na impecável apresentação.

Um empregado coxo, sem uma perna e com bengala ou muleta é anti-publicitário, anti-funcional.

Poder-se-ia pensar em ajudá-lo com um donativo.

Perante um empregado assim coxo, surge facilmente, nos, que o vêem, a ideia de que também o Negócio, a Empresa o Banco coxeiam como ele.

Todo o cliente que passa o «hall» de qualquer Empresa, deve sentir-se automaticamente bem e com possibilidades de ser optimista e eufórico.

O bom humor, não pode esquecer-se, é o clima propício para as boas operações comerciais.

Se o primeiro encontro é com um desagradável Porteiro ou Empregado coxo, a sensação de incómoda surpresa, de lógico

desgosto e até de depressão psicológica é inevitável.

Haverá mesmo pessoas que, por susceptibilidades supersticiosas ou fatalistas ante a presença de um coxo na casa, decidam não mais voltar.

Ora, é necessário evitar isto, acima de tudo.

Em primeiro lugar o prestígio — base da Empresa.

As pessoas são muito ingénuas e elementares nas suas concepções.

Tudo querem solucionar com uma só e simples palavra — Caridade Cristã.

E vive-se à margem de toda esta complicadíssima orgânica de exigências sociais.

Há que saber harmonizar a caridade com o Prestígio Publicitário do Negócio.

*
* *

Vês, Cristo, como o teu caso põe em apuros e compromete qualquer Empresa que se preze?

Estás muito calado, Senhor.

Que te parece toda esta teoria sobre a Propaganda e o prestígio do Mundo Económico?

Estás distraído, Cristo. Ouviste a minha pergunta?

Ou não queres responder?

Ruminas, no teu obstinado silêncio, a dor que te produziu a nossa frustrada visita a tantos Armazéns, Bancos, Fábricas e Empresas?

Dói-te o desprezo, não é verdade?

Bem te preveni, mas é porque te não conheciam. Se me tivesses deixado apresentar-te, como eu tencionava, com o teu nome e a tua personalidade:

— Senhores, tenho o prazer de lhes apresentar Jesus Cristo. Então...

— Cala-te! — interrompeu-me uma queixa dolorosa e amarga — Cala-te! É precisamente isso que me magoa. A experiência de haver comprovado como é possível que afirmem amor a Cristo e desprezem ao mesmo tempo e com o mesmo coração o senhor Garcia, Peres ou Fernandes.

O lamentável é que para Cristo, embora coxo, tivesse havido trabalho e o não haja para «Garcia» ou «Gutierrez».

Quando somos, afinal, um só.

Porque eles representam-me. São o meu duplo exacto.

Que fazeis, então, de toda essa legião inumerável de seres inúteis e inválidos, que não estão num Hospital ou num Asilo?

Por inválidos e inúteis os arrumais e relegais para um último e invisível plano social?

Onde vos escondeis para que vos não moleste nem ofenda o espectáculo incómodo do seu sofrimento?

Que desterro inventou para eles a Sociedade elegante e refinada, que se proclama cristã?

À dolorosa invalidez física acrescentais vós, cristãos, outra mais dolorosa invalidez moral: ser excluído dos vossos salões e do vosso contacto.

Mas já se desvirtuou assim o meu Evangelho?

Já o mundo não tem olhos para descobrir num inválido ou num mutilado — em todo o sofrimento — um valor novo que supera e vence todas as vossas mesquinhas cotações da Bolsa?

A dor proscrita em nome da Propaganda Comercial!

Que cegueira! Que inversão de valores!

Quando o que dá maior prestígio, realce e beleza perante os olhos de Deus é a dor e o sofrimento...

Mas falta-vos Fé.

Organizais a Propaganda que conquista os homens.

E esqueceis a Propaganda que conquista o coração de Deus.

•
•
•

Cansado, o meu Cristo fez uma pausa.

— Vou confiar-te uma coisa — continuou em tom suave de íntima confiança —. Vou dizer-te, embora, se a ouvissem depois, tal-

vez sorrissem depreciativamente muitas e muitas Empresas.

Escuta:

Não seria maior prestígio e mais segura bênção para um Negócio, contar com um mutilado, com um inválido no seu quadro?

Que foi admitido precisamente por sê-lo.

Conscientemente, sabendo que adquirem e se apropriam de um autêntico valor.

Mas sem o esconder nem relegar para um lugar obscuro e discreto, antes colocando-o no posto que lhe corresponder pelo seu emprego, em pleno contacto com toda a organização interna e externa da Empresa.

No seu justo lugar.

Ouve: Ainda que eles o não saibam ou esqueçam, estou ao corrente de todos os quadros de pessoal de todas as Empresas.

Sei-os de cor.

Conheço-os melhor que o Chefe do Pessoal.

Revejo-os no meu coração, todas as manhãs, quando os empregados ao chegar, vão registando a sua entrada no controlo.

Eu uso um controlo diferente: o do meu Amor.

Imaginas o que significaria para a Empresa, se Eu, todas as manhãs, ao verificar a lista do pessoal, me encontrasse na primeira fila com um «Garcia», um «Peres», um «Fernandes», mutilados ou inutilizados, admitidos precisamente por isso?

Adivinhas a catarata de bênçãos para essa Organização?

É isso que me ganha e conquista.

Porque para mim, Cristo, um mutilado ou um inválido no quadro duma Empresa ocupa o primeiro lugar na lista. O primeiro no meu Amor.

Acima do Engenheiro ou do Director.

Porque esse desditoso «senhor Garcia» sem perna sou Eu!

Sou Eu, numa especial e privilegiada presença que concedo à dor.

E isto é indiscutível.

Ainda que jamais chegueis a acreditar-lo.

Ainda que vos rebeleis contra tal.

Que dizes?

Agora calas-te tu, não é assim?

*

*

*

Sim, calava-me. Tinha a certeza de que, se um dia me atrevesse a repetir em voz alta esta lição, se ririam de mim as Empresas e as Organizações do Trabalho.

E dir-me-iam:

— Padre, desculpe. Uma coisa é sociologia e outra literatura romântica e barata. Não exagere as coisas, por favor.

— Ouviste, Cristo Partido?

*

*

*

Encontrar um bom emprego é difícil.

Pelo contrário — que contraste! —, encontrar Deus é bem fácil.

Conseguir uma colocação esplêndidamente remunerada é sorte reservada a bem poucos.

Conquistar o coração de Deus, supremo e incalculável tesouro, está na mão de todos.

E, sendo Deus a máxima aquisição, não precisamos, para alcançá-lo, do enfadonho montão de cartas, recomendações, influências, diligências, certificados, visitas e presentes, que são prelúdio inevitável para conseguir essa colocação com que sonhamos e que, quase sempre, apesar de tantos e tão calculados trâmites, se escapa das nossas mãos.

Para chegar a Deus, há um caminho elementar e fácil.

À disposição e em poder de todos.

De eficácia infalível.

Os pés partidos de um Cristo pregado na cruz.

Aqui está o ponto fraco de Deus.

Deus coxeia dos seus dois pés pregados!

O prodigioso povo grego que, na invenção da sua mitologia, lutava por aproximar-se de Deus, pressentindo-o e adivinhando-o em esboços equívocos e informes, mas sempre luminoso, deixou-nos em Aquiles um longínquo vislumbre e uma antecipação.

Com a sua dupla e oposta origem — imortal por parte da sua mãe Tétis, deusa do mar, e sujeito à morte pelo pai Peleu, ainda que príncipe, mas mortal — o herói de Tróia erguia-se invencível entre os seus inimigos.

Nenhuma arma podia feri-lo, porque a sua mãe imortal conseguiu fazê-lo invulnerável.

Existia apenas um ponto do seu corpo — mas isto era segredo dos deuses — susceptível de ferida mortal. E estava precisamente no pé, no calcanhar: o calcanhar de Aquiles.

A flecha mortal do deus Apolo, que conhecia o ponto fraco de Aquiles, procurou-lhe o pé, cravou-se no calcanhar e venceu-o, dando-lhe a morte.

O ponto fraco de Deus está nos seus pés.

Infinito e invencível, tem uma fenda vulnerável ao ataque.

As flechas dos cravos mostram-nos o caminho.

Que os nossos lábios sigam a direcção dos cravos, que se tornem flechas de beijos sobre os pés de um Cristo Crucificado! E beijo a beijo, venceremos Deus.

Conquistá-lo-emos.

O beijo dos nossos lábios, sobre os seus pés, repercute-se instantânea e eficazmente no seu Coração.

Se alguém o duvida, que releia o Evangelho.

Uma mulher de vida pública — com a terrível cruz da sua prostituição às costas — conquistou Cristo pelo caminho fácil dos seus pés.

Soube dar com o fraco de Deus.

Com o seu ponto vulnerável.

Cristo assistia a um Banquete, convidado por um Fariseu. A mulher pecadora abeirou-se aproveitou a posição propícia em que o Mestre estava sentado, caiu de joelhos e as suas duas mãos firmes apoderaram-se dos pés de Cristo.

Presos já entre as suas mãos, lançaram-se logo sobre os pés as flechas dos seus beijos.

Maria Madalena beijava-os com amor e penitência.

Por entre os beijos sobre os pés de Cristo, caiu um segundo ataque: as lágrimas de arrependimento.

Como se fosse pouco, por entre beijos e lágrimas, sobreveio um terceiro ataque: o jorro perfumado de uma libra inteira de essência puríssima de nardo, oferta feminina de uma mulher, que tudo entrega a Deus.

E para assegurar a conquista preparada pelo triplo ataque amoroso, chega o cerco e o assédio definitivo: a cabeleira de Maria Madalena, que envolve na sua rede — impossível a fuga — aqueles dois pés de Cristo atacados pelos seus beijos, lágrimas, carícias e essência de nardo...

Deus não teve mais que render-se perante o ataque.

Haviam dado com o seu ponto fraco.

Maria Madalena adivinhou que Deus coxeava dos dois pés. E acertou.

— «A esta mulher muito lhe foi perdoado, porque muito amou».

Esta mulher ensinou aos homens o atalho sem custo para chegar a Deus.

Um beijo sobre os pés de um Cristo.

Aprende, amigo, como se ataca.

Conquista Deus pelo ponto fraco dos seus pés.

Há muito tempo que os teus lábios não beijam um Cristo Crucificado?

Na tua casa há um Cristo na Cruz.

É o chefe e cabeça do teu lar.

Ofereceram-to no dia do casamento e penduraste-o no teu quarto sobre a cama, para que presidisse da cruz a todas as vicissitudes da família.

Talvez que, desde então, não voltasses a dar-lhe um beijo.

E colocaste-o demasiado alto.

Do chão não podes beijá-lo.

Terias que subir para uma cadeira.

Lá em cima, onde não chegam os teus lábios, não chega facilmente também o espanador; e o teu Cristo na Cruz é provável que tenha pó e até talvez alguma teia de aranha.

É natural que se tenha convertido num de tantos elementos decorativos de um lar cristão.

Há quanto tempo que, de braços e pés pregados, espera um beijo teu?

Naquele Banquete em que Maria Madalena venceu por amor, Cristo queixou-se em voz alta do Fariseu que o tinha convidado a cear, mas que o não beijara à chegada. Enquanto contava a catarata de beijos que Maria Madalena fazia tombar sobre os seus pés, sentia a falta do beijo que o Fariseu não quisera dar-lhe...

Convidaste-o, amigo, a habitar na tua casa. Colocaste-o na presidência do teu lar.

Não lhe negues os teus beijos.

Sente-lhes a falta.

Não ponhas tão alto o teu Cristo na Cruz.

O Crucifixo fez-se para estar ao alcance dos nossos lábios.

Na sua colocação, acima da estética manda o amor.

* * *

Não tens, amigo, um Crucifixo pequeno, teu, pessoal, na tua mesa de cabeceira?

Beija-o sempre.

Quando se ama, não se contam as vezes.

Beija-o todas as noites.

Que um beijo sobre os pés de um Cristo sele a jornada de cada dia.

Beija-o de qualquer modo. Embora tenhas os lábios frios, indiferentes, gelados.

Ainda que os sintas sujos, pecadores, asquerosos.

Beija-o assim.

Cristo tem os pés pregados, não para serem beijados pelos anjos que, por estarem tão altos, não chegam até eles. Cristo espera o beijo dos pecadores, já que por nós e só por nós está na cruz.

Os lábios dum homem que obstinadamente beijam os pés de um Cristo, tarde ou cedo, beijo a beijo, acabam por purificar-se e redimir-se.

Um escultor pode com a sua goiva talhar na madeira um Cristo Crucificado.

Todos podemos durante a nossa vida talhar, beijo a beijo, no nosso próprio Crucifixo, os pés redentores do nosso Cristo.

E todos sonhamos, todos — não é verdade? — que o último beijo da nossa vida seja para os pés chagados do Cristo da nossa morte.

Que a cadeia de todos os beijos — bons e maus — da nossa existência fique eternamente pendurada pelo seu último elo, como oferta de homenagem, no cravo que atravessa os pés do nosso Crucifixo!

A cadeia de uma escravatura mudada em grinalda de libertação.

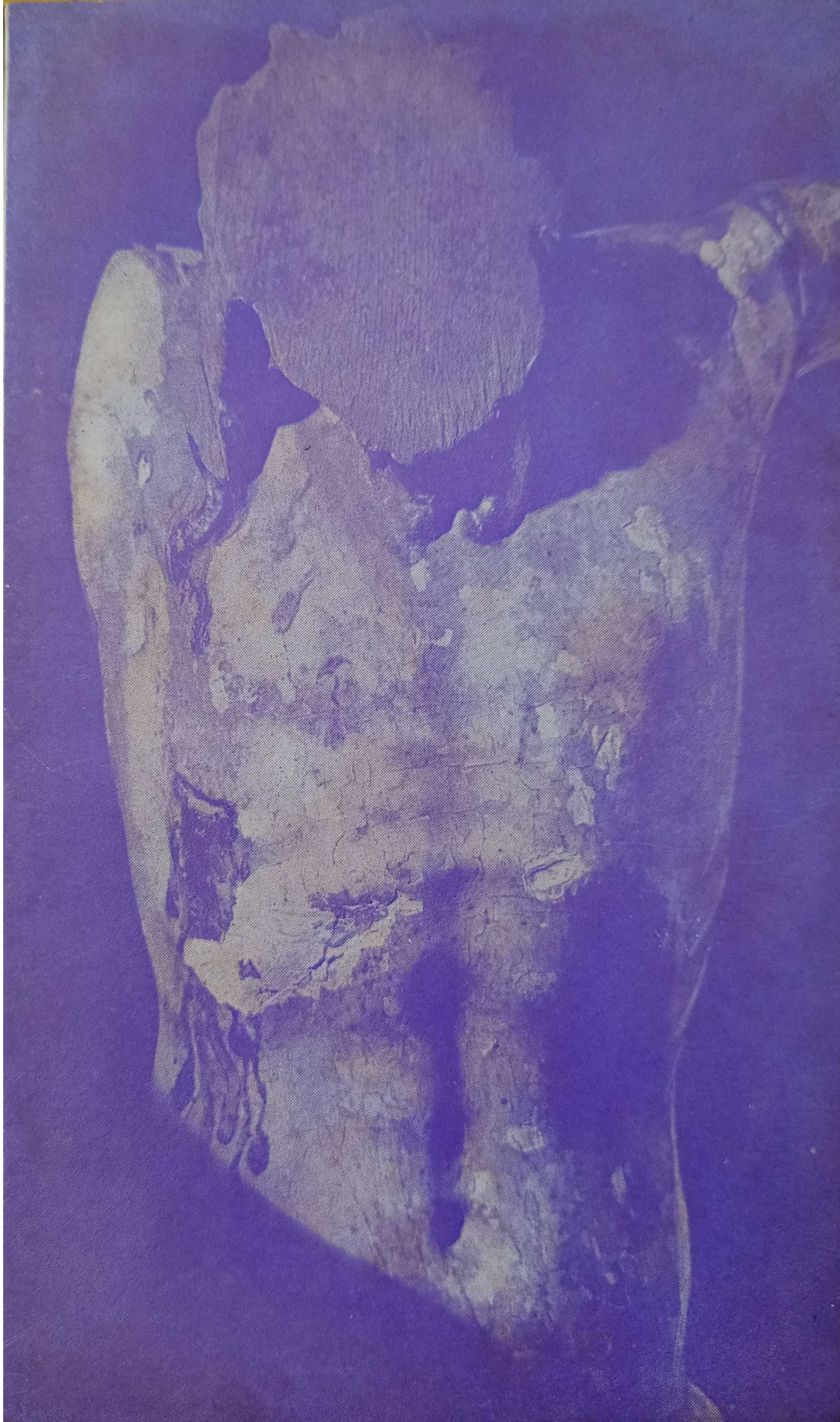
E chegar assim presos, na nossa morte, aos pés de Cristo — caminho infalível para os braços do Pai.

Porque, nunca o esqueças, amigo:

Deus na cruz coxeia dos dois pés!

Boa noite, amigos.

Até amanhã.



Quem te partiu a cara?

Boa noite, amigos.

Nesta última noite, em que nos despedimos do meu Cristo Partido, reservei o último olhar para o que um morto tem de mais incompreensível e abismal: o seu rosto.

Que desconcertante esfinge a cara de um morto!

Há quem a não suporte e se livre dela, cobrindo-a com um lenço.

É pior: como em tudo, o oculto aumenta o mistério.

E sob o lenço insinuam-se, perturbadoras e agressivas, umas feições mais eloquentes na sua mudez do que se nos chamassem aos gritos.

Mas não é o caso desta noite.

É o rosto de um morto querido, e então olha-se e olha-se com espanto e ternura, insaciavelmente, frente a frente.

Há algo que prende os nossos olhos abertos aos seus fechados.

A certeza trágica de que no-lo roubam. De que não voltaremos a vê-lo na terra. De que estão contadas, implacáveis, as horas para fitá-lo.

Vai soprar uma lufada gelada, que fará em cinzas essas feições, destruindo a sua harmonia.

Mas Cristo é um morto diferente de todos.

Assim, para aprender a contemplar o seu rosto nesta Sexta-feira de Paixão, devíamos pedir emprestados os olhos de Maria a grande Contemplativa Dolorosa.

Desde que o pregaram na cruz, Ela colocou-se a seus pés, presa ao solo, com os olhos mais firmes que os cravos, pregados também no rosto do seu Filho.

Não os desviou um instante sequer.

Não lhe escapou um latejo das suas têmporas, um tremor das suas pálpebras, a passagem leve do último suspiro através da pele tensa da sua garganta...

Perscrutar os olhos insondáveis de Maria nesta Sexta-feira Santa é assistir à projecção íntima e fidelíssima da Paixão de Cristo, registada nas suas pupilas e nelas zelosamente guardada.

Que Sala de projecção, os olhos da Mãe, para contemplar o filme mais exacto e verdadeiro da Paixão do Filho!

Empresta-nos os teus olhos, Senhora, para ver-nos esta noite o rosto morto do teu Filho e irmão nosso, Jesus Cristo.

Empresta-nos os teus olhos para vê-lo de perto como tu, Mãe Crucificada, quando despregado já dos braços da cruz, o colocaram nos teus, imensamente abertos, e lhe seguraste o rosto, fitando-o cara a cara.

Quanto tempo estiveste muda, contemplando-o?

Era tão absorvente a tua dor, que te esqueceste de chorar.

E olhavas, olhavas, devorando faminta com os olhos aquele rosto que as tuas mãos apertavam e que, embora junto de ti, sentias infinitamente longe e ausente.

Parecia que iam rasgar-se os teus olhos abertos sem pestanejar, num assombro interrogador sem resposta.

Os teus olhos iam e vinham pelo rosto amado do Filho, de espanto em espanto.

Fitavas-lhe os ouvidos, mas não lhe dirigias uma só palavra: sabias que estavam surdos.

Olhavas-lhe os lábios, mas não lhe fazias qualquer pergunta, pois não aguardavas já resposta.

Fitavas-lhe os olhos. Com o dardo penetrante do teu olhar pretendias levantar-lhe as pálpebras caídas... Mas cedo desistias do teu intento. Para quê, se, ao levantá-las, ias mirar-te nuns olhos, que não podiam já ver os teus?

Desiludida, ficou-te um só recurso.

Juntaste mais aquele rosto morto ao teu. Apertaste-o suavemente contra ti para que as feridas se não abrissem de novo, e os teus lábios procuraram a seguir o seu pouso habitual.

Beijaste-o silenciosamente para o não despertar, como quando era menino.

E, na face gelada do teu Filho, os teus lábios encontraram a marca doutro beijo — o de Judas.

Então compreendeste tudo.

Aceitaste tudo.

Perdoaste tudo.

E os teus olhos, já sem pasmo, voltaram a enternecer-se e lembraram-se outra vez das lágrimas.

Choravas de mansinho enquanto continuavas a beijar-lhe meigamente a face.

E o teu pranto quente ia apagando a marca do beijo de Judas.

Porque eras a Mãe do Filho morto.

E eras a Mãe também de todos os Judas, de todos os verdugos, de todos os pecadores.

O teu beijo de Mãe na sua face reconciliava os teus filhos maus com o teu Filho Bom.

Toda a Paixão se desenrola entre dois beijos no rosto de Cristo.

O de Judas: relâmpago de fogo que desencadeia a tempestade.

E o de Maria: selo e lacre final da Co-redentora.

Perante o beijo de Judas, Cristo queixa-se: — «Amigo, com um beijo entregas o Filho do Homem?».

Ante o beijo de Maria, Cristo já não fala: «Tudo está consumado».

Senhora, empresta-nos os teus olhos, esta noite de Paixão, para sabermos olhar a cara do teu Filho.

Não pedimos nem os teus lábios, nem a sua face, porque só tu podes beijá-lo no rosto.

Os nossos lábios aprenderam já o seu lugar próprio.

Nós beijamos-lhe os pés.

A Vida Ressuscitada de Cristo também começa com um beijo: o que depõem sobre os seus pés floridos de disfarçado jardineiro os lábios irrefreáveis de Maria Madalena.

* * *

Vamos, pois, amigos, contemplar o rosto morto do meu Cristo Partido.

Aqui está o Cristo. Mas onde está o seu rosto?

Na nossa busca, os olhos embatem, como numa parede de rocha, nessa superfície lisa que, ao partirem-lhe a cabeça de cima a baixo, ficou no lugar que ocupava a sua cara.

E os nossos olhos magoados resvalam, desiludidos, por ela, buscando inútilmente

uns olhos, uma face, uma testa, uns lábios...

Nada. O meu Cristo Partido não tem cara.

Cortaram-na de um só golpe vertical.

Na sua Paixão todos se enfurecem contra o seu rosto: Judas beijou-o vilmente; um soldado esbofeteou-o no tribunal com a mão enluvada de ferro: soldados e verdugos arrancaram-lhe a barba, cuspiram-lhe nas faces, rasgaram-lhe a fronte com espinhos...

Mas o seu divino rosto ficou inteiro, sem mutilações.

Maria pôde beijá-lo, morto, na face.

Nós, esta noite, com novo pasmo ante este Cristo sem rosto, apenas poderemos perguntar-lhe:

— Quem te partiu a cara?

Cristo, eu tinha ouvido muitas vezes esta ameaça nos lábios, trémulos pelo ódio, de um homem a outro: — «Olha que te parto a cara!».

E sempre pensei que os cegava a ira neste impossível e louco desafio.

Tudo costuma terminar num murro, numa bofetada, numa navalhada na face.

Só em Ti, Senhor, se cumpriu à letra a brutal ameaça.

Partiram-te a cara!

De cima a baixo.

Porquê, Cristo?

Sei de muitos que, antes de ultrajarem as tuas Imagens, te destruíram o rosto, porque não resistiam aos teus olhos.

Não suportavam que Deus os estivesse contemplando sereno, manso, impassível, enquanto o quebravam a golpes de machado.

Não se atreviam a ofender-te cara a cara.

E começavam por esmagar-te o rosto.

Assim fizeram os soldados na noite triste da tua Paixão, quando troçavam de ti. Não sei o que havia nos teus olhos, que os não toleraram. Com um trapo sujo improvisaram uma venda, taparam-te os olhos e apertaram o nó, com força, na nuca.

Apertaram quanto puderam, até fazer-te doer, para que a luz dos teus olhos não pudesse escapar-se pelo pano. Porque tinham medo do resplendor do teu olhar.

E então, sim, quando te viram vendado, atreveram-se.

Assim é a nossa valentia de homens!

Entre risadas e chufas da soldadesca cuspiram-te, davam-te bofetadas, batiam-te com a cana na coroa, enterrando-te os espinhos na fronte e, com momices e gestos de grotescas reverências, desfilavam diante dos

teus olhos vendados, desafiando a tua cegueira:

— Adivinha, Cristo, quem te bateu?

— Escarneçamos d'Ele, que não nos vê.

Mas a luz dos teus olhos atravessava a venda de pano asqueroso e via-os a todos, reconhecia-os, sabia os seus nomes e a sua história cobarde e cruel.

Primeiramente vendamos-te. E a seguir, já tranquilos, ofendemos-te.

Insensatos!

Não há venda susceptível de cegar os teus olhos.

Ainda que esmaguemos o teu rosto, continuas a contemplar-nos.

Meu Cristo Partido, partiram-te a cara, mas inútilmente.

Olho para Ti e não vejo os teus olhos, mas sinto que me fitas, embora de um modo diferente de quando tens olhos em qualquer outra tua Imagem.

Aqui, sem olhos, fulminas-me com olhos invisíveis.

Não se vêem, mas existem.

Como se essa superfície que te esmagou, aplanando-te o rosto, fosse apenas uma venda transparente, que se ilumina de súbito com o clarão oculto do teu olhar!

Partiram-te a cara, porém, jamais tive um Crucifixo com olhos mais belos e irresistíveis.

E estão, por vezes, tão sérios e tão tristes, que me fazem baixar os meus, envergonhados.

Nunca pensei que num pedaço liso e insensível de madeira, como este da tua cara partida, pudessem brilhar, sempre diferentes, tantos, tão meigos e tão severos olhos.

*
* *
*

Pensais, amigos telespectadores, que sempre e a toda a hora consigo imaginar os olhos do meu Cristo Partido, na sua cabeça mutilada?

Nem sempre, asseguro-vos.

O normal é a luta estéril e a desilusão impotente.

Procuro contemplá-lo com toda a alma acumulada nas pupilas e vejo somente madeira em vez de rosto.

Madeira impenetrável em que fazem ricochete os meus olhares.

Madeira duríssima e esquiva que resiste aos meus anseios.

Nem olhos, nem ouvidos, nem faces, nem boca.

Só madeira. Um pedaço vasto e informe de madeira sobre os ombros do meu Cristo.

Como se o meu Deus fosse, perante mim, o tronco inerte dum bosque.

Um Deus de madeira.

E confesso-vos, amigos, então protesto, queixo-me e revolto-me, enfrento Deus e grito-lhe:

— Por que não te deixas ver, Senhor?

Por que me condenas a servir-te nas trevas?

Pareces um Deus cego, insensível, surdo e mudo.

Faço-te perguntas e não respondes.

Falo-te e nem sequer sei se me escutas.

Protesto e permaneces hermético.

Peço-te de joelhos que me fites, que me mostres os teus olhos e em vão. Como se fosses cego.

Se me fitasses uma só vez, se conseguisse ver os teus olhos, ainda que apenas por uma fracção de segundo, sei que passaria a ser bom, bom deveras e para sempre.

Que jamais voltaria a ser mau, jamais...

Não queres que eu seja bom? Pois então olha para mim, Cristo, olha para mim!

— Bem olho para ti — disse uma voz, no meu íntimo, sem lábios nem palavras —. Olho para ti, não afasto os meus olhos da tua vida. Que seria de ti se deixasse de fitar-te? Olho-te, ainda que não vejas que te olho. Os meus olhos vêem-te, embora tu não os vejas. É esse o mérito da fé: avançar para Mim de noite, tacteando nas sombras, solicitando respostas que não chegam, estendendo umas mãos frustradas que nunca alcançam nada. Segue, filho, pela noite da

fé até que um dia, por recompensa, vejas a cara de Deus. Será essa a felicidade eterna!

*

*

*

O meu Cristo Partido, sem cara, é o símbolo plástico da minha fé.

Passo muito tempo olhando e olhando esse corte vertical, que é o seu rosto inexpressivo, como quem se exercita e treina para os dias nublados e tempestuosos da vida, em que olhamos o céu e o céu é uma superfície lisa e metálica, como o rosto do meu Cristo, que nos esmaga sem piedade ou nos repele inexorável.

Mas não deixa de ser doloroso, amigos, ter sempre presente a meu lado um Cristo sem cara.

Perante esta brutal mutilação, suporte e aguento as outras, por penosas que pareçam.

Suponho mesmo que acabarei por habituar-me a vê-lo maneta e coxo do lado direito.

Ao que jamais se acostumam os meus olhos é a vê-lo sem cara.

Cada vez que o meu olhar encontra o corte do seu rosto, lastimam-se as minhas pupilas e protesta o coração. É o que mais me custa não poder restaurar.

Para os meus olhos, feridos de se rojarem pelos membros mutilados do meu Cristo, seria um doce bálsamo poderem descansar no oásis sereno do seu rosto.

Daí a pungente tentação de restaurá-lo.
Impossível. Prometi-lho.

Aguentarei toda a vida, frente a frente,
este doce e terrível Cristo sem rosto.

Pergunto-lhe muitas vezes:

— Como era, Senhor, o rosto que te cor-
taram?

Com a minha imaginação completo fácil-
mente o braço e a perna direita que te fal-
tam, porque tenho no lado esquerdo o modelo
de ambos para recompô-los.

Mas, como era a tua cara?

Estavas vivo ou morto? Olhavas seve-
ramente ou com doçura? Tinhas os olhos
fechados ou fixos naquele que te contem-
plava? Que havia nos teus lábios? Sete Pala-
vras, Agonia, Último Suspiro ou Insondável
Silêncio?

Impossível adivinhá-lo.

Mais impossível, porém, acertar com as
tuas feições.

Pus-te já mil caras, criadas pela minha
fantasia e nenhuma me convence.

Que difícil dar com a Cara de Deus!

*
* *

Compreendo que tantos artistas se te-
nham furtado à tarefa de enfrentar o rosto
de Cristo e se refugiem no ardil de um
difícil e atrevido esboço.

Porque um esboço ousado domina-se pela
técnica.

Mas o risco audacioso de pintar a cara
de Cristo requer, para além da técnica, o
amor.

Técnica e amor que, sem dúvida, têm
possuído muitos pintores e escultores ins-
pirados ao modelarem o rosto de Cristo.

Cada artista, no seu arriscado esforço,
deixou-nos apenas uma visão parcial, nada
mais que um determinado instante, uma in-
terpretação fugaz desse rosto inacessível,
infinito na sua riqueza psicológica, inaca-
bável na sua expressão multiforme.

Por Salas, Palácios, Catedrais, Colecções
e Museus andam distribuídas essas parciais
interpretações do rosto de Cristo.

Mas também este esforço, que pretende
superar as suas limitações para aproximar-se
de Deus, é, como a nossa fé, uma oferta e
uma homenagem de amor.

Ver a Cara de Deus é o sonho irrepri-
mível dos homens.

E, como os rostos que eu inventara eram
sempre um fracasso, pedi emprestadas aos
meus pintores e escultores favoritos as caras
que eles criaram nos seus retratos de Cristo.

E, já que não posso restaurar fisicamente
o seu rosto, dedico-me, num jogo da minha
fantasia e do meu carinho, a restaurá-lo em
pensamento, colocando na sua cabeça sem
feições as caras que para Cristo sonhou a
arte universal.

Gasto neste jogo horas e horas.

Consola-me a ideia de que desagravo o seu rosto ofendido, vertendo nele toda a história da Arte. Todos os estilos.

Pelo corte da sua cara vão passando, num desfile lento e deleitável, Museus, Coleções, Galerias, Catedrais, Pinacotecas...

Sinto-me Velásquez e ofereço-lhe um rosto de rei, soberanamente repousado e sereno.

Ou recorro a João de Mesa para lhe dar o patetismo barroco do «Grande Poder» ou do «Cristo de Vergara».

Ou a Montañés e, em contraste, envolvo-o na olímpica beleza clássica de «Jesus da Paixão» ou do «Cristo dos Cálices».

Se evoco Fra Angélico, obtenho um dulcíssimo rosto, que transmite perdão e ternura.

Se me volto, porém, para Leonardo, uma infinita tristeza ensombra o meu Cristo Partido, como na «Ceia».

Recorro então ao Greco, e as lágrimas trémulas do «Espólio» rolam, sem cair, pela madeira transfigurada.

Se um dia o quero terrível na sua justiça, basta-me pensar em Miguel Ângelo e na Capela Sistina.

Mas tudo isto dura pouco. Prefiro a paz e o repouso da morte. Então faço dormir o meu Cristo com as cabeças jacentas, que para Ele modelou, em Castela, Gregório Fernández.

Tornam-se mais duras, afiladas e cada-
véricas, se evoco Mantegna.

E atingem a sua máxima tragédia fúnebre ao lembrar-me de Grünewald.

Desperto-as, porém, imediatamente, er-
guendo-as do peito encovado até vê-las
tensas e erectas no «Último Suspiro do Ca-
chorro» de Ruíz Gijón⁶.

Essa insuperável cabeça de Cristo, em
Triana, que, ao mesmo tempo que luta cora-
josa com a morte, deixa já entrever, no seu
gesto, o triunfo infalível da sua Ressurreição.

Quantas horas terei gasto, pondo caras
ao meu Cristo Partido?

Não sei.

Nunca mais acabo. Tudo me parece pouco
para desagravar e embelezar o seu rosto
esmagado.

E volto ao princípio...

Revejo os cantos de velhos museus esque-
cidos. Lembro-me com alegria de mais pin-
tores, de novos retratos, de perdidas escul-
turas, que a minha memória descobre com
esforço.

E um novo desfile de caras e caras belas
vai-se projectando sobre a tela lisa do meu
Cristo sem rosto.

⁶ «El Cristo del Cachorro», existente em Triana.
Imagem muito venerada na devoção de Sevilha a Cristo
Crucificado.

Mas há dias tive que renunciar também ao conforto deste carinhoso passatempo.

O meu Cristo Partido é terrível nas suas exigências. Não concede tréguas.

E também mo proibiu.

Julguei de começo que lhe agradava e comprazia.

Supportava-o, pelo menos, em silêncio.

Até que um dia não pôde aguentar mais e interrompeu-me severamente:

—Basta! Não me ponhas mais caras. Tolerei o teu jogo demasiado tempo. Esperava, calado, a ver se tu próprio chegavas a compreender que não era do meu agrado o que supunhas uma desafronta e um consolo. Vejo, porém, que é inútil. Não consegues entender-me. Não me ponhas mais essas caras que pedes por esmola à arte dos homens. Quero estar assim partido, sem cara. Prometeste que jamais me restaurarias...

—E continuo a prometê-lo, Senhor — respondi perturbado e sincero —. Julguei que este passatempo das caras não era restaurar-te.

— Não me restauras fisicamente o rosto, é verdade. Mas procuras, no fundo, sem te aperceberes, outro restauro que te permita escapar à angústia que te produz a minha

cara partida. Sê sincero: procuras o meu conforto ou o teu? Examina-te.

Eu guardava silêncio. O Cristo Partido acusava-me implacável. E continuava:

—Aflige-te ver-me como estou. E constróis com a tua imaginação belos rostos mentirosos que interpões entre os teus olhos e a minha cara cortada de um golpe. Não consegues aceitar a verdade sem atenuantes da minha Paixão. Preferes a mentira das tuas fantasias. E cada uma dessas caras é um disfarce sobre as minhas dores. Basta! Aceita-me assim, partido, sem cara.

—Quero aceitar-te, Senhor. Mas não sei. Ajuda-me.

Calámo-nos ambos.

Que podia eu acrescentar? Não me atrevia sequer a fitá-lo.

Até que o Cristo, num tom mais doce e insinuante, prosseguiu:

—A não ser que quisesses ensaiar outro jogo, pôr-me outras caras... Essas, sim, aceitá-las-ia...

—Quais, Senhor? Pô-las-ei em seguida.

—Não creio. Conheço-te.

—Porque não? — insisti decidido, desejando agradar-lhe. Diz-me de que caras se trata.

—Receio que não entendas. Inclusive que te escandalizes como os fariseus. É uma lição muito dura.

—Farei tudo o possível por compreendê-la. A que caras te referes? Diz-me.

— A outras, mas reais, não fingidas como as que inventavas. E que são também minhas, muito minhas... Como a que me cortaram de um só golpe.

— Ah! Creio adivinhar, Senhor! — interrompi satisfeito.

— Vamos ver. Explica-te — intimou-me Cristo.

— Não te referes às caras dos Santos, dos Apóstolos, dos Mártires, das Virgens, que são tuas porque os seus donos, participando da sua santidade, se tornaram semelhantes a Ti?

— Vês como não acertas? — sorriu Cristo tristemente — É verdade que essas caras são minhas, como disseste. Mas essas já as tenho e ninguém mas nega ou regateia. Quero outras caras, que são também minhas... As dos Santos são demasiado fáceis de colocar sobre o meu rosto esmagado. Mas essas, que reclamo, bem poucos, pouquíssimos, ousariam pôr-mas.

— Eu sim; diz-mas — atalhei, veemente.

— Bem — respondeu Cristo calmamente — Pediste-mo. Depois, não te queixes...

Fez uma pausa, como para tomar forças. Respirou profundamente. Hesitou. Pareceu-me que retrocedia.

Eu estava já assustado. Tive medo do meu Cristo.

Arrependi-me de o ter constrangido. Quase forçado.

Mas não havia remédio.

A sua voz pausada e segura ressoou.

Perguntava-me:

— Não tens por aí um retrato do teu inimigo? Desse que te inveja e te não deixa viver. Do que, por sistema, deturpa todas as coisas. Do que sempre, por toda a parte, diz mal de ti. Do que te despeza. Do que te arruinou. Do que deu más e decisivas informações de ti. Do amigo traidor que te armou uma cilada. Do que conseguiu afastar-te do emprego que tinhas. Do que vilmente te caluniou. Do que malogrou os teus planos. Do que te persegue sempre. Do que jamais te perdoa. Do que te enganou miseravelmente. Do que meteu na prisão o teu irmão. Do que se aproveitou da guerra e matou o teu pai...

— Cristo, por favor, não prossigas — exclamei, indignado. Cada frase ia-me inflamando; por fim, não pude mais.

— Cala-te, Senhor, por piedade — supliquei com voz submissa.

— Vês? Logo te preveni. É demasiado, não é?

— É desumano, Cristo. É absurdo — calei-me por um instante —. Mas não faças caso, continua; continua a falar-me. Suplico-te. Prossegue.

Porque Deus é um abismo misterioso que, ao mesmo tempo que nos assusta e oprime, nos atrai e prende irremediavelmente.

— Continua, Senhor, continua a falar-me.

— Bem. Reparaste já nas caras dos leprosos, dos anormais, dos idiotas, dos mendigos sujos e malcheirosos, dos imbecis, dos loucos, dos que se babam?...

— E vais dizer-me, Cristo, que essas caras são tuas? E que tas ponha?

— Naturalmente. E vais pôr-mas!

— Impossível.

— Espera. Não acabei ainda. Toma bem nota desta última lista e não esqueças nenhum rosto. Tens que pôr-me a cara do blasfemo, do suicida, do criminoso, do traidor, do vicioso, da prostituta...

Calava-me. Impossível responder.

— Não ouviste? Necessito que ponhas todas essas caras sobre a minha.

— Não sei, Senhor. Não entendo nada. Essas caras sobre a tua cara?

— Sim, sobre a minha! — prosseguiu Cristo cada vez com mais ardor —. E admiras-te que os tolere e queira sobre a minha cara? Mas não vês que os trago no coração, que é mais, infinitamente mais, que trazê-los sobre o rosto? Não vês que dei a vida por todos? Por todos, ouves? Por todos!

Cristo calou-se.

Perturbado, eu evitava até olhá-lo, quanto mais retorquir-lhe.

A sua voz, agora mais íntima, prosseguia:

— O que mais me decepçiona é que te scandalizes. Que te assustes farisaicamente. Que longe estás de mim, então! Quando me

compreenderás? Que sabes tu dos meus planos? Que sabes dos meus desígnios sobre as almas? Que poderás entender das infinitas loucuras do meu Amor?

Nunca o meu Cristo me falou com tão soberana e divina solenidade.

Ecoava na sua voz uma ressonância de eternidades.

— Vais agora compreender um pouco o que foi a Redenção. Escuta: Tornei-me, voluntariamente, responsável por todos os pecados, vícios e degenerações de toda a humanidade ao longo da sua história. Carreguei com todas as suas blasfémias, crimes, aberrações e vícios. Tudo pesava sobre Mim. E com tudo às costas me pregaram na Cruz.

O meu Pai assomou-se para ver-me. Ele revê-se sempre nos meus olhos. Eu sou o espelho em que se contempla satisfeito o meu Pai. Sou o seu rosto. Deus não tem cara visível. Sou a cara de Deus.

Debruçou-se do Céu para ver-me na Cruz e contemplar-se no meu rosto. Cravou os olhos em Mim. E o seu pasmo foi infinito.

Sobre o meu rosto viu sobrepostas, sucessiva e vertiginosamente, as caras de todos, absolutamente de todos os homens.

Na minha cara estavam todas as caras.

Porque eu, voluntariamente, para que Ele os não castigasse, dava a cara por todos os homens, meus irmãos.

E assim fiquei sem cara.

O meu Pai durante aquelas três horas da minha agonia na cruz esteve contemplando, do Céu, o desfile trágico de todos os rostos sobre o meu rosto. Era horrível. Entretanto, porém, eu dizia-lhe: «Pai, perdoa-lhes, não sabem o que fazem».

E o meu Pai perdoava-lhes. Não os condenava. Meu Pai amava-os, porque estavam na minha cara. Porque Eu dava a cara por eles. Porque eles eram então a minha cara. E reconciliou-se com aquela humanidade que via no espelho do meu rosto.

Não era Eu só que estava na Cruz.

Nem morria Eu só.

Todos vos apertáveis a mim. E todos morriéis comigo.

Eu tinha inúmeros rostos. Infinitas caras.

Sobre a minha cara lívida e destrocada, sobre as feridas, os rasgões, o pó, o fel, o sangue e a saliva, iam-se projectando todas as vossas caras.

Nunca por um «écran» passou um desfile tão repugnante, tão grosseiro e perverso.

O meu Pai, que não tirava os olhos da minha cara, reconhecia sobre ela todas as vossas caras:

A do soberbo, num desafio, com a fronte vincada de protesto e rebeldias.

A do sectário, maquinando a destruição de Deus e da sua Igreja.

A do assassino e criminoso, fria, calculadora, repulsiva.

Caras de celas, de presídios, de campos de concentração.

Caras de prostíbulos.

Bocas pestilentas de blasfémias.

Lábios repugnantes com babas asquerosas.

Olheiras fundas, marcadas pelo fogo da luxúria.

Pupilas toldadas e viscosas dos drogados.

Hálito intolerável a vinho fermentado, dos ébrios.

Narizes curvos, aves de rapina, dos ladrões, avarentos e usurários.

Palidez de sórdida madrugada no vício.

Rictos de amargura, de desespero, de ódio, de raiva, de despeito.

Dentaduras fétidas, com dentes apodrecidos, dos invejosos.

Olhares turvos de perversão, de complexos psicológicos e de misteriosas e escondidas anormalidades.

Eu sentia pesar sobre a minha pobre boca crucificada o cigarro de ópio, o copo de «whisky», a droga, o veneno, o vômito, o pus, a agonia, a morte.

Que inifinita dor e que infinito amor na minha cara!

Do céu, o meu Pai contemplava o desfile e perdoava: éreis já meus irmãos! Na terra, junto à cruz, Maria, minha Mãe, observava

esse desfile de caras. E foi então que Eu lhe disse:

— Mulher, olha os teus filhos.

E em mim aceitou-os a todos. Fez-se Mãe de todos. Amou-os a todos infinitamente.

Porque os via a todos no rosto do seu Filho.

Compreendes agora o que foi a minha Redenção?

Adivinhas a loucura do meu amor, que foi capaz de dar a cara por todos vós?

E agora já te atreves a pôr sobre a minha todas essas caras?

Estou certo de que jamais voltarás a pôr-me esses disfarces mentirosos que mendigavas aos Museus.

Que ridícula a arte dos homens!

Que insondável o amor de Deus!

* * *

O meu Cristo Partido emudeceu desde então.

Dera-me a suprema e mais fácil lição.

E não voltou a falar-me.

Esta noite, despedimo-nos d'Ele.

Não esqueçais nunca, amigos, esta superfície lisa e nua do seu rosto, cortado verticalmente.

É um «écran» de projecção perante o seu Pai.

É uma moldura vazia.

Mas já conhecemos a sua utilidade.

Amigo, tens um rosto de irmão que não podes ver? Odeia-lo? Fez-te muito mal? Continua a fazê-lo? Não consegues perdoar-lhe?

Já sabes o que Cristo pede.

Vamos, sê forte! Toma essa cara antipática e repugnante do teu inimigo, aproxima-a de Cristo; atreve-te, decide-te.

Ainda que te trema a mão.

Ainda que se revolte, inflexível, o teu amor próprio. Ainda que gritem e protestem, rebeldes, os teus mais elementares instintos.

Vamos. Aproxima mais essa cara.

Junta-a à de Cristo na Cruz.

Que fiquem sobrepostas. Feições sobre feições.

Vê agora: Cristo está na Cruz com a cara do teu inimigo.

Fecha os olhos.

Entreabre os lábios.

Aproxima-os dos pés de Cristo.

E beija-o!

Beijarás um Cristo que tem a cara do teu inimigo.

Já não o odeias.

Cristo sorri agradecido e contente.

Envolve-te, musical e acariciadora, uma voz eterna: «Amai-vos uns aos outros, como Eu vos ameï».

E sentirás que no teu coração, sem ódios
nem rancores, começa a despertar o amor.

O retrato dos que amas, familiares e ami-
gos, coloca-lo na carteira sobre o peito.

Coloca o retrato do teu amigo sobre a
cara de Cristo.

Que melhor sítio para o meu inimigo?
Sim. É esse o único lugar.

A melhor maneira de contemplar o seu
retrato, sem ódio e com amor, é colocando-o
sobre o rosto de Cristo, que deu a cara por
todos os seus inimigos.

A cara de Cristo: prodigiosa moldura,
na qual se começa a amar esse rosto inimigo
que, até ali, nos parecia impossível deixar
de odiar.

Boa noite, amigos.

Índice

Compra e venda de Cristos	5
Deus tem mão esquerda	35
Perdeu-se uma Cruz	61
De que pé coxeia Deus?	83
Quem te partiu a cara?	115

coleção **NOVOS RUMOS**

1. **MENSAGEIROS DA ALEGRIA**
por B. Haring
2. **A IGREJA DO FUTURO**
por A. Hortelano
3. **FIM-DE-SEMANA**
por R. Dufour
4. **TERRAMOTO NA IGREJA**
por Riccardo Lombardi
5. **A REVOLUÇÃO CRISTÃ**
por Igino Giordani
6. **A VIDA CRISTÃ À LUZ DOS SACRAMENTOS**
por B. Haring

coleção **AMANHECER**

1. **RAPAZES E RAPARIGAS DE HOJE**
por Manuel Peixoto (3.ª edição)
2. **GENTE NOVA NO MUNDO NOVO**
por Manuel Peixoto (2.ª edição)
3. **A HORA DOS JOVENS**
por Paolo Pombeni
4. **1 + 1 + X = NAMORO**
por Gregório Martins Almendres
(6.ª Edição)
5. **CAMINHOS DE PLENITUDE**
por L. Quartieri

coleção **POLIEDRO**

1. **VIA-SACRA DE TODOS NÓS** (2.ª edição)
por Alessandro Pronzato
2. **O DEUS EM QUEM NÃO CREIO** (3.ª edição)
por Juan Arias
3. **O MEU CRISTO PARTIDO** (9.ª edição)
por Ramón Cué
4. **O MEU CRISTO PARTIDO DE CASA EM CASA**
por Ramón Cué (4.ª Edição)
5. **30 JUDAS À SOLTA**
por J. L. Martin Descalzo
8. **A ORAÇÃO DUM HOMEM MODERNO**
por Louis Evelyn
9. **A (RE) DESCOBERTA DE CRISTO**
por Juan Arias
10. **CRISTO CONTINUA VIVO**
por Michel Quoist
11. **CRER É ARRISCAR**
por Zacarias de Oliveira
12. **APESAR DE TUDO, ESPERAMOS** (no prelo)
por Bernhard Haring
13. **ORAÇÃO NUA**
por Juan Arias

1 9 7 2

Composto e impresso nas Oficinas Gráficos Reunidos, L.da
Rua Alvares Cabral, 22 a 28 — Telef. 20608 — P O R T O



EDITORIAL PERPÉTUO SOCORRO